

A GUERRA NA EUROPA

O tabuleiro da geopolítica global vai mudar drasticamente com a ofensiva da Rússia na Ucrânia. Por conta das sanções impostas pelo Ocidente, a aliança entre Putin e Xi Jinping se fortalece e muda o cenário. O conflito ainda terá impactos na economia brasileira, com mais inflação. E a política de preços da Petrobrás agora mais atrapalha do que ajuda

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 28 de Fevereiro de 2022 Nº 47

Um presidente contra as mulheres e o poder feminino
Maria Rita Kehl: Bolsonaro representa os ressentidos
Com PT, produção da Petrobrás dobrou em 13 anos
Os seis discos mais importantes que fazem 50 anos



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo
 Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice
 Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.
 Produção: Oficina da Notícia
 Editor Responsável: Olímpio Cruz Neto
 Colaboradores: Artur Araújo, Danilo Molina,
 Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,
 Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
 Perseu Abramo
 Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante
 Vice-presidenta: Vivian Farias
 Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema
 Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff
 Presidente: Fernando Haddad
 Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto, Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo, Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho, Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre, Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário), Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas (Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto (Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br
 Telefone: (11) 5571-4299
 Fax: (11) 5573-3338
 Endereço: Rua Francisco Cruz, 234
 Vila Mariana
 São Paulo (SP) - CEP 04117-091



NESTA EDIÇÃO

BOLSONARO TEM HISTÓRICO DE ATAQUES ÀS MULHERES

Das agressões físicas a uma gerente de empresa em 1998, passando pelos ataques verbais e à honra de Dilma Rousseff e Maria do Rosário, Bolsonaro coleciona episódios vergonhosos. A mulherada já foi às ruas contra ele em 2018 e nos últimos três anos. E a resistência vai continuar agora e sempre!

EDITORIAL. É preciso ganhar as eleições, governar para reconstruir o Brasil

ENTREVISTA. A psicanalista diz que a misoginia de Bolsonaro jamais foi punida

GUERRA. O conflito no leste europeu traz incerteza. Mas muda a geopolítica global

CONJUNTURA. Política de paridade da Petrobrás afetada por crise na Ucrânia

INFLAÇÃO. IBGE aponta que o IPCA-15 teve alta de 0,99% em fevereiro

MISÓGINO. Desde a eleição, presidente partiu para agressão às repórteres

PESQUISA. Por que jovens e mulheres rejeitam com tanta força Jair Bolsonaro

ELEIÇÕES. Apesar das divergências, pesquisas confirmam Lula na dianteira

ENERGIA. PT recorre ao Supremo Tribunal contra a venda da Eletrobrás

ARTIGO. Líder da Minoria, Alencar Braga defende contra-ofensiva à barbárie

OPINIÃO. A dívida das famílias e MPEs e a inação do governo Bolsonaro

ECONOMIA. Como o PT salvou o Brasil: produção da Petrobrás dobrou

CULTURA. Seis discos da MPB geniais que completam 50 anos

MEMÓRIA. Lula institui a política de valorização do salário-mínimo em 2008

CÂMARA. Aprovada a Lei Paulo Gustavo, que vai injetar R\$ 3,8 bi na cultura

A GUERRA E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS E GEOPOLÍTICOS

Aloizio Mercadante

A deflagração da operação de guerra da Rússia sobre a Ucrânia pode ter consequências dramáticas para a já combalida economia brasileira. Isso porque o início do grave conflito militar na Europa pressiona os dois principais pilares da inflação no Brasil: petróleo e alimentos.

Após o anúncio de uma operação militar na Ucrânia pelo presidente Vladimir Putin, o preço do barril do petróleo, que já vinha em alta, superou a marca dos US\$ 100 pela primeira vez desde setembro de 2014. Nesse cenário de alta, o Brasil não conta com uma política estratégica para a Petrobrás enfrentar a questão pelo abandono dos investimentos no refino e em um sistema integrado de produção, distribuição e comercialização, que gerem ganho e competitividade em relação a outras economias.

Nos governos Temer e Bolsonaro, a Petrobrás foi desmantelada e opera pela lógica da política de preço de paridade de importação. Com isso, a cadeia nacional de petróleo e gás está subjugada aos interesses de 390 empresas importadoras dos acionistas minoritários da empresa, que impõe uma política de dolarização dos preços dos combustíveis em território nacional.

É inacreditável que depois do país atingir a condição de autossuficiência em petróleo, com a descoberta das gigantescas reservas do pré-sal em nossos governos, tenha-se optado por se tornar mero expor-

tador de óleo cru e importador de produtos acabados.

Com isso, em 2021, ano que o povo brasileiro pagou preços recordes por gasolina, óleo diesel e gás de cozinha, a Petrobrás apresentou o maior lucro de sua história: R\$ 106,6 bilhões. Um crescimento de 1.400% em relação ao ano anterior. Seguramente, a alta do barril do petróleo decorrente da guerra na Europa, frente à fragilidade da Petrobrás, resultará em inflação na veia e um efeito cascata nos custos de produção da economia brasileira.

O segundo ponto de atenção são os possíveis impactos do conflito na importação de fertilizantes da Rússia, especialmente o cloreto de potássio, produto fundamental para a fertilização do solo e indispensável para a agricultura nacional. O Brasil importa 95% do potássio que utiliza e a Rússia é a principal fornecedora desse produto para o país.

O potássio já está em falta e, assim como petróleo, também está com preço em alta. É evidente que isso terá impacto no custo de produção agrícola, pressionando o preço dos alimentos e impactando de forma dramática a cesta básica e a inflação.

Nada justifica uma guerra e acreditamos na construção da paz por meio do diálogo e da diplomacia, mas é inegável que o fim União Soviética poderia ter gerado uma ação pacificadora do Ocidente. Mas, ao contrário disso, as forças ocidentais optaram por aprofundar uma política agressiva de expansão, com a OTAN passando de 12 membros originais para 30, inclusive com nações fronteiriças à Rússia, como tentam fazer agora com a Ucrânia.

Não é demais lembrar que, no início do mês, antes do início da incursão russa, Putin e o presidente da China, Xi Jinping, divulgaram um comunicado em que denunciavam a expansão da Otan, que está no centro do atual conflito em curso na Ucrânia.

Esse entendimento entre Rússia e China mexe

definitivamente com a geopolítica mundial. Os bloqueios econômicos do Ocidente podem ter algum efeito de curto prazo na economia russa. O embargo ao gasoduto entre Alemanha e Rússia, por exemplo, gerará uma grave crise energética para os alemães, ao mesmo tempo que possibilita a Moscou oferecer gás natural barato para a China por meio do projeto Força da Sibéria.

Os efeitos de médio e longo prazo do bloqueio ocidental podem até agravar a vulnerabilidade econômica da Rússia, mas colocam no horizonte também um possível acordo comercial amplo entre russos e chineses.

Por isso, os desdobramentos dos conflitos na Ucrânia podem resultar na supremacia da economia chinesa no mundo, ao mesmo tempo em que, no Brasil, viveremos o aprofundamento da crise econômica e a explosão inflacionária, em razão de um presidente pária internacional, que é incapaz de entender os desafios, de dialogar, de negociar e de ser respeitado pelas principais líderes do mundo. •

“JAIR BOLSONARO REPRESENTA OS RESSENTIDOS NO BRASIL”

Psicanalista e ex-integrante da Comissão Nacional da Verdade – criada pela presidenta Dilma Rousseff – a também jornalista e poetisa lembra que a ascensão da extrema-direita aconteceu por uma mistura de desesperança com o PT e a ação midiática da Lava Jato. Ela acredita que Lula tem as condições para fazer o país se reencontrar consigo mesmo, mas os desafios serão muito grandes

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Os governos do Partido dos Trabalhadores provocaram uma revolução social no Brasil com todos os programas inéditos que foram adotados. A questão para Maria Rita Kehl, psicanalista, jornalista e poetisa, é que uma parcela da sociedade se sentiu desprivilegiada nesse processo de mudança, o que gerou o ressentimento. É claro que soma-se a isso a decepção com o PT e Lula produzida pela orquestração da Operação Lava Jato com a chamada “grande mídia”. O ressentimento é perigoso, segundo a psicanalista. “O ressentimento elegeu Hitler”, lembra.

A brutalidade de Jair Bolsonaro e os ataques contra mulheres, negros, homossexuais e outros grupos sociais não vão acabar ou diminuir nem nesse período eleitoral que se aproxima. É o pensa Maria Rita Kehl. Ela considera que Bolsonaro gosta de ser bruto e que “só não é mais mal porque não tem poder para isso”. Por mais que tente abrir os cofres públicos para atrair quem o rejeita, “tem coisas que são mais fortes do que ele”, antevê a psicanalista, que não vê possibilidade do presidente se conter. Leia a seguir trechos da entrevista concedida à **Focus Brasil**:

Focus Brasil – Bolsonaro está tentado criar uma série de políticas públicas com o objetivo de diminuir a rejeição que as mulheres têm a ele e que sempre foi alta. Qual é o entendimento da senhora sobre a figura do Bolsonaro em relação às mulheres?

Maria Rita Kehl – Vocês se lembram do [Adolf] Hitler interpretado pelo [Charles] Chaplin? É um filme muito bom que tem um tipo “hitleriano” [O Grande Ditador, de 1940]. Dizem a ele: “Calma, você não pode fazer isso. Você não pode perder os seus eleitores”. E ele tinha que se segurar porque senão

o seu braço se estendia para frente, fazendo uma saudação semelhante à nazista. Eu acho que o Bolsonaro tem isso. Ele é profundamente misógino e profundamente tosco. Bolsonaro gosta de ser bruto. Isso está na raiz dele. Então, diz que vai fazer e é capaz de propor um programa para consultar uma mulher e no meio da conversa está xingando-a. Tem coisas que são mais fortes do que ele. O que me preocupa muito é o apoio que ele tem e isso ainda é difícil de entender.

A eleição eu até entendo, apesar de repudiar 100%, porque, claro, a Lava Jato acabou, naquele momento, com um partido que tinha sido uma grande esperança para o país. E, de fato, trazido grandes melhorias para os pobres. Estou falando do PT. A Lava Jato prendeu o Lula. Isso gerou uma decepção de quem era beneficiário do Minha Casa, Minha Vida ou de quem tinha um Bolsa Família. Pensaram: "Esse cara só estava tirando dinheiro, ele deu uma esmolinha para nós e estava pegando dinheiro para ele mesmo". Ou falando: "Olha a casa dele". Tudo isso baseado em todas aquelas mentiras. Essa decepção, embora o Lula tenha sido solto, contaminou a sociedade. Nada como uma mentira repetida muitas vezes para que pareça verdade. E aí, na decepção, as pessoas vão para o extremo oposto. Pensam: "Esse aí é autêntico, não mente. Ele é 'roots'". Além do mais, cassaram a Dilma [Rousseff]. A Lava Jato só se voltou para o PT.

Na cabeça dessas pessoas fica uma coisa de que o PT é um partido de bandido. O Lula era bandido. Dilma era "péssima presidente" e tem um detalhe a mais, que não é detalhe. A Comissão Nacional da Verdade criada pela Dilma junto ao Congresso incomodou muita gente, não só quem tinha algum "rabo preso" com tortura. Bolsonaro inclusive devia conhecer muitas dessas pessoas. É só lembrar que ele homenageou o [Carlos Alberto Brilhante] Ustra na votação do impeachment em 2016. Mas a comissão também incomodou porque muita gen-

te não queria saber daquilo, veio muito tarde. Saía no Jornal Nacional, não era mal divulgado. Muitas vezes eu fui parada, andando na rua ou em aeroporto quando me reconheciam, e ao perguntarem se eu era da CNV, respondia toda contente que sim e não teve uma pessoa que não perguntasse: “E o outro lado, vocês não vão investigar?”. Eu demorava para entender, falava “que outro lado?”. E a resposta era “o lado dos terroristas”. Eu co-

meçava a explicar que não eram terroristas, mas pessoas que queriam lutar contra a ditadura, que os militares “abafavam” o que acontecia... Mas as pessoas não queriam saber. Isso era muito impressionante. Eu explicava com muita educação, mas elas viravam as costas e iam embora. O incômodo criado pela revelação daquelas coisas todas, gente desaparecida, morta sob tortura, todas as injustiças e brutalidades... Tenho a impressão de que muitas pessoas acabaram justificando na cabeça delas. Era muita coisa para assimilar.

– **Quer dizer, a Comissão Nacional da Verdade acabou mexendo numa ferida que “levantou a tampa de um bueiro” para surgir essa extrema-direita.**

– Sim. Se tivesse sido logo depois, como aconteceu com Argentina, Uruguai e Chile. Todos tiveram comissões da verdade, mas aqui demorou muito. Aconteceu depois de mais de duas décadas da redemocratização e as pessoas se incomodaram. De

**PROFUNDAMENTE
MISÓGINO E
PROFUNDAMENTE
TOSCO. BOLSONARO
GOSTA DE SER
BRUTO. ISSO ESTÁ
NA RAIZ DELE. O
QUE ME PREOCUPA
É O APOIO QUE TEM**

fato, é angustiante. Mas, ao invés de quererem saber direito e dizer “que nunca mais aconteça”, resolveram justificar: “Eram os terroristas”. Certamente, isso se espalhou nas redes também. “Eram terroristas, jogavam bombas, queriam tornar o Brasil um país comunista”. Isso tudo criou um ambiente fértil para a direita.

– A senhora não acha que toda essa cronologia, as jornadas de 2013, o não reconhecimento da derrota pelo Aécio Neves em 2014, as pautas-bomba contra a Dilma, o Golpe de 2016, a prisão do Lula e as fake news contra o Fernando Haddad – o conjunto da obra gestada pela mídia e Lava Jato – abriu espaço para uma espécie de catarse coletiva?

– Certamente. Espero que, agora, ainda mais com o Sergio Moro condenado como juiz suspeito, haja um reposicionamento da maioria das pessoas. Você tem toda a razão. Tinha uma coisa orquestrada e era muito grande. Tudo coincidiu. E criou-se uma decepção no povo com relação ao partido que tinha trazido muita esperança. Eu acho que isso fez as pessoas ficarem ainda mais revoltadas. Depois é que veio a suspeição do Moro, Lula foi solto, mas aí já era tarde. O fato é que agora o Moro é que é suspeito contra Lula, o candidato que, se não fizerem nenhuma jogada suja, é o provável vencedor.

– A questão do Bolsonaro, não só com relação às mulheres, mas essa forma autoritária, contra os negros, isso não lhe parece um sintoma de sociopatia ou é só maldade, mesmo, como dizia Hannah Arendt?

– É que a maldade dele não é banal, como dizia a Hannah Arendt em “Banalidade do Mal”. O Bolsonaro só não é mais mal porque ele não tem poder para isso. Ele não é como o [Otto Adolf] Eichman que dizia “eu estava só cumprindo ordens”. É isso o que a Hannah Arendt chama de banalidade do



Divulgação/Boi Tempo

mal. Se te mandarem colocar 30 milhões de judeus num campo de concentração, você manda porque você está só cumprindo ordens. Não é culpa sua. No caso do Bolsonaro, não. Ele sustenta as ordens.

– Bolsonaro governa o país há mais de três anos e toda sua incompetência e maldade estão escancaradas. Como mais de 20% da sociedade brasileira continua o apoiando?

– Olha, eu teria que chutar muito, mas a gente tem que pensar alguns eventos da história do Brasil. Por exemplo, o país foi o último das Américas a abolir a escravidão. Foram 300 anos de escravidão. E, o que é pior, quando ocorreu a abolição, não houve nenhuma reparação às famílias descendentes dos escravos ou para os próprios escravos. Quando a escravidão terminou, o fazendeiro que tinha, digamos, 300 escravos, colocou 250 na rua e foi explorar os 50 que ficaram. Isso criou no Brasil uma classe baixa, predominantemente negra. O país herdou coisas incríveis dessas pessoas que vieram para cá forçadas, verdadeiras marcas da nossa cultura. Mas, na verdade, existem racistas

no Brasil. Como os negros ficaram sem emprego, a justificativa dada pelos racistas era de que eram vagabundos, se não eram forçados, não trabalhavam. Além disso, tem outras coisas. Houve duas ditaduras com uma diferença de poucos anos, a do Getúlio [Vargas] e a de 1964. Foram só 19 anos de diferença entre uma e outra. As duas ditaduras terminaram sem qualquer reparação. Quando estávamos na Comissão da Verdade, éramos interpelados sobre se não iríamos denunciar os terroristas. Não adiantava tentar explicar, as pessoas já estavam com ideia feita.

E a Dilma não foi uma administradora carismática como Lula. Não sabia lidar com as contradições dentro do governo. Acho que ela era até mais rígida no que tem de mais correta, mas qualquer político sabe que alguma hora é preciso negociar para um lado ou para outro em nome da sobrevivência. Talvez a retidão da Dilma mais a CNV foram coisas que acabaram criando clima para que ela caísse. Depois, veio o [Michel] Temer, que foi um traidor, e preparou o terreno para isso que a gente tem agora. Mas eu não sou uma analista política, estou só enumerando fatos que todos já conhecem.

– **Então, a senhora acredita que além de tudo, a Dilma foi vítima da misoginia da política brasileira.**

– Acho que sim. Quando o Bolsonaro diz para a Maria do Rosário “só não estupro porque você não merece”, veja o que um deputado é capaz de dizer, olha a quebra de decoro. Mas veja como existe um machismo que protegeu esse cara. A vida dele seguiu normal. Quer dizer, e daí? “Ah, foi uma gracinha que ele falou”... “Foi uma piada de mau gosto. Ha ha ha”... É muito grave.

– **O país vive hoje profundas divisões. Em paralelo, há uma tentativa de se construir uma frente mais ampla, mas é na política. Na sociedade, existe**

**caminho possível
para um processo de
convivência com as
diferenças?**

– Eu acho que passa, em primeiro lugar, por políticos dispostos a dialogar com os vários segmentos fragmentados, separados como se fossem inimigos. Acho que isso é importante. O país precisa de mediação. E Lula é um cara capaz disso, mas acho que não precisa ser só ele. Lula é capaz porque é negociador há 50 anos, tem muita escola. Mas penso que mesmo nós, nas conversas, podemos fazer isso. Porque senão, mesmo que ele ganhe, teria um percurso muito duro.

– É preciso que os diferentes setores da esquerda e do progressismo estejam disponíveis para dialogar.

– Claro. O engraçado é o seguinte, veja como você joga uma faísca e ela pega. Essa ideia de que o Lula é o perigo do comunismo, ele teve duas gestões e ainda indicou alguém para mais uma gestão e meia, não houve ali nada relacionado a transformar o Brasil num país comunista. E agora ele vai implantar o comunismo? Faltou politizar um pouco mais a sociedade. Não no sentido partidário, mas levar a discussão pública a algumas coisas. Esse termo comunismo, por exemplo, o Brasil nunca foi. É um fantasma que levantaram aí e agora qualquer coisa que se fale já acusam de ser comunista.

Eu, que sou pedestre, tento muito dialogar na rua, mas acho que além disso, as pessoas que são convictas das suas ideias não querem ouvir. Mas talvez

**A MISOGINIA DE
BOLSONARO É
AMPLA. QUANDO
DISSE A MARIA DO
ROSÁRIO QUE NÃO
A ESTUPRARIA
PORQUE ELA NÃO
MERECEIA, NADA
ACONTECEU**

durante a campanha seja possível dialogar sobre esse símbolo do comunismo de forma um pouco mais inteligente, já que o Bolsonaro vai jogar com isso.

– Existe uma rejeição contra o atual presidente em vários setores da sociedade. É possível que o Bolsonaro consiga diminuir tal rejeição?

– Bom, como dizem os americanos “follow the money”. Ele agora está concedendo esse Auxílio Brasil, se a Câmara deixar, e essa Câmara é completamente venal. Se ela deixar que o Bolsonaro expanda isso até às vésperas da eleição, ele ganha. É simples. Eu acho horrível, mas essa é a estratégia dele para ganhar.

– A ideia de família parece em disputa e, no entanto, trata-se mais de uma polêmica que a extrema-direita tenta introduzir. A extrema-direita se autointitula defensora da “família”. A senhora acha que é possível evoluir dessa discussão de significado do que é família, da ideia de que a família está em risco?

– Olha, não sei dizer. Psicanalista é muito bom para tentar entender o que deu errado, mas muito difícil para prevenir sobre o que vai acontecer. É preciso se falar com muita clareza e confio no Lula para isso. Então, uma família formada por um casal homossexual não é família? Uma mãe que engravidou e o cara abandonou, ela não é família junto com seu filho? Porque a ideia é essa que a única família é o casal heterossexual, casado na igreja de preferência, com seus filhos e aí se exclui famílias homoparentais e se exclui famílias de pai ou mãe solteiros. E existem muitas famílias como essas. O estranho é como elas não reagem e se organizam para dizer: “nós também somos família”. Talvez isso possa colaborar no debate eleitoral. Incitar essas pessoas a se manifestarem. Veja, existe de tudo em família. Eu tive pacientes molestados pelo pai ou pelo padrasto. Não é porque é esse formato de fa-

mília que eles defendem que está tudo certinho lá dentro. Tive pacientes filhos de mães cruéis, que não ouviam e distorciam o que os filhos diziam. Então, família pode ser um lugar muito bom, que te acolhe, protege e orienta, como pode ser um lugar em que se é mais vulnerável e que faz muito mal.

– O preconceito parece ser uma característica muito forte no Brasil. É isso mesmo ou trata-se de algo comum a outros países?

– Países como a França, por exemplo, estão a anos-luz de nós. Mas aqui também já estivemos a anos-luz de onde estamos hoje. A Parada Gay era o maior evento desse tipo no mundo todo e não sei se vai dar para ter esse ano, se eles vão ser ameaçados, se não vai ser perigoso. O que acontece é que em outras décadas da história, quando o Brasil estava ligeiramente mais progressista, foi um enorme avanço para um país que teve 300 anos de escravidão, monarquia por um tempão, que demorou para proclamar a República. E quando a proclamou, militares assumiram a Presidência... enfim, tivemos duas ditaduras... Tudo isso faz com que o Brasil seja um país bastante conservador e militarizado. Mas tenho esperança de que a gente possa voltar a um lugar melhor, até porque esse governo está indo mal para muita gente.

A gente não percebeu quanta gente ressentida foi emergindo em um momento muito feliz do Brasil, em que estavam vindo à tona as questões da negritude, em que os negros estavam acessando a universidade... Uma vez eu estava numa fila de embarque no aeroporto e tinha uma família negra na mesma fila. Eu ouvi uma pessoa dizendo "esse aeroporto está parecendo uma rodoviária". E ali, pra mim, tinha um universo de pensamentos. Aque-la pessoa entraria no avião, ninguém a impediria, mas do que ela estava reclamando? Ela falou isso, evidentemente, com desdém. Vamos supor que ela fosse uma pessoa de classe média ascendendo

para uma classe média mais alta, começando a voar de avião, achando aquilo um baita privilégio, uma conquista. E, de repente, tem uma família negra? Eu acho que essas coisas fizeram com que uma parte da classe média ficasse muito revoltada. A gente tem que pensar então o que é essa classe média brasileira. Principalmente, esses arrivistas que não é ruim que tenham conseguido subir uma faixa na escala social - muito por causa dos programas sociais - mas de repente o cara não quer saber de quem está atrás dele. Ele quer só aderir ao pensamento dos mais ricos. É uma hipótese.

**O QUE É ESSA
CLASSE MÉDIA?
BOLSONARO
REPRESENTA ESSES
RESSENTIDOS E
NÃO PERCEBEMOS
QUANTA GENTE
RESSENTIDA FOI
EMERGINDO**

– **Bolsonaro representa a luta pelo direito de ser idiota?**

– [Ri] Eu não diria desse jeito. Por mais idiotas que os idiotas sejam, eles não se acham idiotas. Mas eu acho que ele representa a luta dos ressentidos, desses que ficaram fora do debate, desses que não acompanharam o que estava acontecendo, desses que só tinham reações reativas, não tinham nada a propor. Eles eram só “isso não porque não entendi, não gostei”. Então, ele é um representante dos ressentidos. E não são ressentidos porque ficaram de fora dos programas sociais, é porque estavam de fora de uma certa circulação de ideias, do debate que estava se estabelecendo pelo país...

Enfim, acho que Bolsonaro representa o ressentimento. O ressentimento, diz Tzevan Todorov,

elegeu Hitler. Uma classe média decaída que na crise dos anos 1930 na Alemanha chegou muito perto da classe baixa em condição de vida, foi quem elegeu o Hitler. Alguém que dizia que iria acabar com a “escória”. Os judeus eram aqueles que continuavam tendo seus negócios por pior que fosse e aí tem a “noite dos cristais” em que as vitrines deles foram quebradas por esses ressentidos. Arrumaram um bode expiatório e aí foi, para se acharem fortes. Não acho que o Bolsonaro tenha o carisma de um Hitler, mas, enfim, é bom a gente lembrar. •



EUROPA EM GUERRA

Para espanto do Ocidente, Putin avança sobre a Ucrânia, numa ação militar fulminante e eficaz, reduzindo as chances de Zelensky cumprir a promessa de ingressar na OTAN e se armar contra o vizinho. Mesmo sob sanções econômicas da Europa e dos EUA, a Rússia redesenha a geopolítica. E o Brasil sentirá os efeitos da crise

Desde dezembro, Vladimir Putin vinha se queixando oficialmente que a Organização do Tratado do Atlântico Norte, que nasceu após a Segunda Grande Guerra Mundial, precisava se conter e não avançar para os arredores de Moscou. O Ocidente fez poucos ouvidos e ainda instigou o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, a ingressar na Otan e anunciar uma campanha de armamento nuclear.

No final de 2021, a Rússia anunciou aos EUA e à OTAN que estava na hora de parar as movimentações na sua área de influência. O Kremlin exigiu que o ocidente parasse de desenvolver infraestrutura militar perto das fronteiras russas e contesse a expansão rumo ao leste. O ultimato de Putin foi ignorado. Dois meses depois, Putin jogou uma cartada dura.

Na madrugada de quinta-feira, 24, a Europa acordou com Putin inaugurando uma política de guerra agressiva, lançando uma ofensiva fulminante e estonteante sobre a vizinha Ucrânia, deixando a comunidade europeia e a Casa Branca perplexas. O efeito imediato da guerra no leste, o que seria impensável desde a derrocada da União Soviética, pode ser sentido nas primeiras horas da quinta. Assombrando mercados e cidadãos.

Naquele dia, o preço do petróleo saltou para US\$ 105 o barril e as ações nas bolsas nos principais mercados caíram com a notícia da invasão russa. A Rússia mostrou as garras e fez estragos, com disparos de foguetes e tropas avançando rapidamente em todas as partes do país desde a madrugada. Unidades russas invadiram o norte da Ucrânia pela Bielorrússia, ao leste por Donbass e ao sul pela Crimeia, anexada em 2014. Em cadeia de rádio e TV, na noite de quarta, Putin descreveu o ataque como uma 'operação militar especial' e anunciou que o objetivo era 'desmilitarizar e desnazificar' a Ucrânia.

O russo disse que se tratava de 'proteger as pessoas', 'sujeitas ao genocídio pelo regime de Kiev'. E declarou que uma ocupação do país não era o objetivo do Kremlin. Com o fogo cruzando os céus da Ucrânia, a Casa Branca reagiu ainda naquela manhã.

O presidente dos EUA, Joe Biden, anunciou amplas sanções à Rússia pela guerra provocada por Putin no leste europeu. As penalidades afetarão os maiores bancos da Rússia, a indústria de armas, a maior empresa de energia – a Gazprom – e famílias próximas ao Kremlin. Em seguida, a Europa anunciou sanções econômicas pesadas, com a Alemanha declarando

que fecharia o gasoduto Nord Stream2. Mas as ameaças não contiveram Putin nenhum milímetro no avanço para mostrar à OTAN e ao Ocidente que a velha Rússia não pode mais ser ignorada.

A ação militar desencadeada por Moscou foi rápida e devastadora: o estado-maior ucraniano admitiu ataques explosivos com aeronaves, artilharia e mísseis de cruzeiro a boa da infraestrutura civil e militar. Até o prédio do Ministério da Defesa da Ucrânia veio abaixo. Ao final da sexta-feira, os soldados russos já estavam em Kiev e o Kremlin anunciava os termos da rendição de Zelensky.

Na Grã-Bretanha, a nação acordou com a transmissão da BBC tentando manter a calma e seguir em frente: “Há guerra na Europa. São 7 da manhã do dia 24 de fevereiro. As manchetes desta manhã...” O presidente francês Emmanuel Macron, que procurou aplacar Putin, advertiu severamente sobre “um ponto de virada na história da Europa”. Convocando uma cúpula de emergência da OTAN, o secretário-geral Jens Stoltenberg, ex-primeiro-ministro da Noruega, declarou que “a paz em nosso continente foi abalada”.

Para um continente onde a guerra da velha escola havia recuado em parte aos livros de história, onde o conflito recente resultou em disputas burocráticas sobre a dívida grega ou restrições ao coronavírus, o ataque total de Moscou à Ucrânia foi anacrônico – e um salto para o desconhecido.

Apesar da guerra de 12 dias da Rússia com a Geórgia em 2008 e a anexação da Crimeia em 2014, os temores recentes de intervenção de Moscou se inclinaram mais para campanhas de desinformação, suposta fixação de preços em energia e a morte misteriosa de alvos russos nas ruas europeias.

Ainda assim, a extensão do ataque russo inspirou uma medida de choque. “Os líderes europeus queriam empurrar a Rússia para debaixo do tapete, queriam lidar com a China, a covid, as mudanças climáticas”, disse James Nixey, especialista em Rússia do

think tank britânico Chatham House. “Eles simplesmente subestimaram deliberadamente, ou pensaram que Putin estava sendo exagerado... que o governo Biden e o Reino Unido estavam gritando lobo. Eles pensaram que era um grande blefe”, disse ao *Washington Post*

Na quinta-feira, líderes europeus continuavam travados em um tenso debate-feira sobre o quão duro seria atingir Putin. Biden sugeriu que os bancos russos não fossem cortados da SWIFT, uma rede global vital para transferências internacionais, porque países europeus ainda não apoiavam a medida financeira que alguns chamaram de “opção nuclear”.

As opções disponíveis na manga e lançadas até agora pela UE e EUA não só parecem ter surtido pouco efeito como podem levar o Kremlin a aprofundar a sua relação com a China, o que seria impensável há 50 anos, quando Richard Nixon desceu em Pequim para distensionar a relação da América com o gigante asiático.

No início deste mês, Xi Jinping recebeu Putin em Pequim, para a abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, e revelou a aproximação das duas potências nucleares. “Nossas relações bilaterais progrediram em um espírito de amizade e de associação estratégica. São relações realmente sem precedentes”, disse o russo. O presidente da China classificou a parceria como “inabalável, passada, presente e futura”.

Os ministérios das Relações Exteriores de China e Rússia publicaram um longo comunicado conjunto em que reafirmam a aproximação em diversas áreas, como cooperação na Nova Rota da Seda, diplomacia, comércio exterior, combate à pandemia de covid e a defesa de um mundo “policêntrico”. A questão da Ucrânia também estava na pauta.

“As partes opõem-se a uma maior expansão da OTAN e apelam à Aliança para que abandone as suas abordagens ideologizadas da Guerra Fria, respeite a soberania, a segurança e os interesses de outros países, a diversidade das suas origens civili-

zacionais, culturais e históricas, e exerça uma atitude objetiva em relação ao desenvolvimento pacífico de outros Estados”, apontava o comunicado. “Os lados se opõem à formação de estruturas de blocos fechados e campos opostos na região da Ásia-Pacífico e permanecem altamente vigilantes sobre o impacto negativo da estratégia Indo-Pacífica dos Estados Unidos na paz e estabilidade na região”.



NO PALCO DA GUERRA

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, era um ator mediano e comediante medíocre com programa na tevê que se elegeu com o discurso da anti-política

No mesmo dia, Putin anunciou acordo para a construção de um novo gasoduto que fornecerá 10 bilhões de metros cúbicos de gás russo aos chineses. O ministro da Energia da Rússia, Nikolai Shulginov, e o presidente da estatal russa de petróleo e gás Rosneft, Igor Sechin, estavam em Pequim com o presidente. “Nossos petroleiros prepararam novas soluções muito boas no fornecimento de hidrocarbonetos para a República Popular da China”, afirmou Putin.

Curioso que a Casa Branca tenha ignorado um alerta, feito pelo diplomata George Frost Kennan, defensor de uma política de contenção da expansão soviética durante a Guerra Fria. Em 5 de fevereiro 1997, publicou um artigo no New York Times apontando que a expansão da OTAN seria o erro mais fatídico da política americana em toda a era pós-guerra fria.

Certa vez, o primeiro-ministro inglês Winston Churchill brincou que “os americanos sempre fazem a coisa certa, mas somente depois que todas as outras possibilidades forem esgotadas”. Infelizmente, Kennan não foi ouvido e seguiu sendo solenemente ignorado até morrer em 2005. Pois foi Kennan quem redigiu em 22 de fevereiro de 1946 o ‘Long Telegram’, um telegrama de 5.400 palavras enviado da embaixada americana em Moscou para Washington aconselhando a Casa Branca a adotar a “contenção” pacífica da URSS.

Esse golpe de brilhantismo analítico, que Henry Kissinger saudou como “a doutrina diplomática de sua época”, forneceu a base intelectual para lidar com a União Soviética sob Josef Stalin, conforme consagrado na ‘Doutrina Truman’. Agora, os ensinamentos de Kennan estão sendo revistos, não pelos diplomatas ocidentais, mas pela mídia russa. •



IMPENSÁVEL Mísseis atingem o leste da Ucrânia, no ataque fulminante promovido por Vladimir Putin. No mesmo dia, o preço do petróleo disparou

A GUERRA É NA UCRÂNIA. MAS GASOLINA FICA MAIS CARA AQUI

A política de paridade de preço dos combustíveis da Petrobrás vira armadilha. A crise no leste europeu joga o preço do barril de petróleo para mais de US\$ 100 e coloca a política econômica suicida de Bolsonaro na berlinda. Enquanto isso, a estatal anuncia lucro recorde e distribuição de R\$ 100 bilhões a acionistas

Mal as tropas russas adentraram o território da Ucrânia, na madrugada de quinta-feira, 24, o mundo se surpreendeu com a possibilidade de uma guerra no coração da Europa. O primeiro grande conflito, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Para o brasileiro, o conflito armado pela Rússia em

território ucraniano vai ser sentido no bolso.

Nas primeiras horas do pregão de quinta-feira, o barril de petróleo já era vendido a US\$ 105. Para o cidadão comum, isso significa gasolina e diesel mais caro. O que representa também nova pressão sobre a inflação, que se mantém elevada, mostrando que a alta da taxa de juros, definida pelo Banco Central em janeiro, de pouco adiantou até agora. A carestia continua alta, apesar das promessas do ministro da Economia, Paulo Guedes.

A alta do petróleo por conta da crise na Ucrânia põe em xeque a política de preços da Petrobrás, uma armadilha montada pelo governo de Michel Temer e aprofundada por Jair Bolsonaro. A estatal se verá obrigada a elevar os preços da gasolina, do diesel e do gás de cozinha. Um erro crasso do governo entreguista comandado pelo líder da extrema-direita.

Especialistas já consideravam temerária, na sexta-feira, 25, que a política de preços atrelada ao mercado internacional e às repercussões da valorização da commodity e, conseqüentemente dos combustíveis, nas eleições de outubro. Na terça-feira, o barril do petróleo Brent, usado como referência pela Petrobras, avançou 1,52% e fechou em US\$ 96,84. Na quinta, chegou a superar a marca de US\$ 105.

As justificativas do mercado e a pressão dos entreguistas, que ameaça a soberania, começa pela injustificada manutenção da política de paridade. Segundo a Associação Brasileiros dos Importadores de Combustíveis (Abicom), a defasagem dos valores pela Petrobrás, em comparação com o mercado internacional, está em 13%, no caso da gasolina, e 8%, no do diesel.

A insanidade é ampla e ganha fôlego nas palavras de especialistas. “Vamos ver se o governo, de fato, não vai tentar fazer algum tipo de intervenção para tentar atenuar os aumentos que possam ocorrer”, disse à Agência Estado, Rodrigo Leão, pesquisador do Instituto Estratégico de Petróleo e Gás Natural (Inep), e especialista em geopolítica do petróleo.

Curioso é que, apesar da crise, a Petrobrás e os acionistas privados vão muito bem. Na quarta-feira, 23, a estatal anunciou um lucro recorde de R\$ 106,6 bilhões. O mais surpreendente, contudo, foi a proposta apresentada pela direção da empresa: distribuir, a título de dividendos, 101,4 bilhões aos acionistas. É o maior nível de recursos transferidos para mãos privadas na história da petroleira. Um acinte.

Desde o início do governo Bolsonaro, há três anos, os combustíveis no Brasil subiram cinco vezes mais do que a inflação. A presidenta do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), criticou a manobra da empresa, que deveria estar atuando em benefício do conjunto da população brasileira, e não dos interesses de acionistas privados.

“A Petrobrás obtém lucro de R\$ 106,7 bilhões em 2021, uma alta de 1.400% em um ano”, denunciou. “E o povo só tomando prejuízo com o preço do gás e dos combustíveis. Qual é a lógica Bolsonaro, enriquecer os acionistas? É por isso que não mexe nos preços. É um governo anti-povo”.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva também critica a política de dolarização dos combustíveis cometida pelo governo Bolsonaro. “Não existe nenhuma razão técnica ou político-econômica para a Petrobrás tomar a decisão de internacionalizar o preço dos combustíveis, a não ser para atender os interesses dos acionistas, principalmente aqueles que ficam lá em Nova York”, ataca.

Vale lembrar que o conflito entre Ucrânia e Rússia também vai afetar o preço dos fertilizantes, que, por sua vez, vai provocar impacto no preço dos alimentos. O petróleo subiu, a gasolina e o diesel vão subir. O mesmo ocorrerá com outras commodities: açúcar, trigo, algodão, minério, carne, frango... A cesta básica vai ficar ainda mais cara. Mas Bolsonaro e Paulo Guedes parecem não se importar. O lucro da Petrobrás só vai fazer a alegria em Wall Street, o coração financeiro dos EUA. •

IPCA-15 BATE RECORDE: 0,99%

O governo Bolsonaro bateu novo recorde e realizou mais um feito que mostra o fracasso do combate à inflação do ministro Paulo Guedes. O IBGE divulgou na quarta-feira, 23, o IPCA-15, que avançou 0,99% em fevereiro. É o maior índice para o mês desde 2016. No ano, o indicador do IBGE acumula alta de 1,58% e, em 12 meses, de 10,76%.

LULA PEDE PAZ E PT DEFENDE DIÁLOGO

Em nota divulgada na quinta-feira, o Partido dos Trabalhadores pediu a retomada do diálogo e o não uso da força como forma de contornar a crise no leste europeu. Pelas redes sociais, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu a paz: “A humanidade não precisa de guerra, precisa de emprego, de educação. Por isso que eu fico triste de estar aqui falando de guerra e não de paz, de amor, de desenvolvimento”.

Lula conclamou: “Ninguém pode concordar com guerra, ataques militares de um país contra o outro. A guerra só leva a destruição, desespero e fome. O ser humano tem que criar juízo e resolver suas divergências em uma mesa de negociação, não em campos de batalha”.

A nota do partido lembrou que é preciso assegurar o diálogo. “O PT sempre defendeu que as relações internacionais sejam pautadas pelo respeito à autodeterminação dos povos e no diálogo democrático entre países, visando a construção da paz, progresso e justiça social para todos”, aponta.

De acordo com o comunicado, distribuído à imprensa e assinado pela presidenta Gleisi Hoffmann e o secretário de Relações Internacionais, Romênio Pereira, “a resolução de conflitos de interesses na política internacional deve ser buscada sempre por meio do diálogo e não da força, seja militar, econômica ou de qualquer outra forma”.

A nota finaliza: “Neste momento, entendemos que a solução do contencioso entre Rússia e Ucrânia deve se dar de forma pacífica, utilizando todas as possibilidades de mediação em fóruns multilaterais”. •

UM PRESIDENTE CONTRA AS MULHERES





Reprodução

Bolsonaro sempre promoveu ataques contra as mulheres desde que, na carona de um programa sensacionalista de tevê, ganhou notoriedade nacional. Da agressão física a uma mulher em 1998, até o ataque misógino a Dilma durante o Golpe de 2016, passando por ameaças de morte à mãe de um de seus filhos, o presidente da República sempre se comportou como um troglodita à espera de uma oportunidade para mostrar conduta ultrajante e obscena

Desde que se lançou à vida pública, ainda no final dos anos 80, quando elegeu-se vereador pelo Rio de Janeiro, o hoje presidente Jair Bolsonaro tem um histórico de agressões contra as mulheres. Não apenas usando da retórica violenta em seu discurso, mas recorrendo à própria violência física.

Misógino e profundamente agressivo contra as mulheres, Bolsonaro é uma figura abjeta, que faz

do discurso antifeminista uma arma para se manter em evidência. Como deputado, protagonizou cenas humilhantes para um homem público. Em alguns casos, chegou às vias de fato contra adversárias e mesmo aliadas políticas que ousaram repudiar seus ataques.

O primeiro caso de violência física de Bolsonaro contra uma mulher, registrado publicamente, ocorreu ainda em 1998. Durante a campanha eleitoral para deputado federal naquele ano, Bolsonaro esmurrou a gerente da empresa Planajur, na frente da agência do Banco do Brasil, na Avenida Duque de Caxias, em Deodoro, no Rio de Janeiro.

Aos 42 anos de idade, Conceição Aparecida Aguiar foi espancada pelas costas pelo deputado Jair Bolsonaro, após a discussão entre cabos eleitorais do hoje presidente. O advogado Jorge dos Santos, que era chefe de Conceição, também foi espancado pelos seguranças do parlamentar. O caso foi parar na 33ª Delegacia de Polícia de Realengo. Na época, Conceição registrou boletim de ocorrência e anunciou que processaria o deputado.

O caso foi publicado pelo *Jornal do Brasil*, em 27 de agosto de 1998. O próprio Bolsonaro admitiu a agressão. À reportagem, declarou: "Acho que eles se sentiram incomodados com minha presença e vieram com ofensas pessoais. Quando um deles foi pra cima da minha ajudante, a briga começou".

Em novembro daquele mesmo ano, durante a votação de um projeto no plenário da Câmara dos Deputados, Bolsonaro voltou a investir contra uma mulher. O episódio ocorreu em 18 de novembro, quando discutia-se no Congresso a cobrança de contribuição previdenciária de militares inativos, proposta pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Ao bater boca com o deputado Márcio Fortes (PS-DB-RJ), Bolsonaro investiu contra a assessora parlamentar da Presidência da República, Celeste Guimarães. Aos berros, e xingando a assessora do Palácio

do Planalto, Bolsonaro partiu para cima: "Some daqui, vagabunda! Você está aqui para defender o governo e intimidar meus coronéis", gritou, esbaforido. Celeste deixou o plenário da Câmara debaixo de insultos e palavrões. O mais leve era filha da p*. O caso ganhou repercussão no *Globo*, em 19 de novembro.

Anos depois, Bolsonaro voltou a ser denunciado por agressões machistas a uma mulher. No caso, a mãe de seu quarto filho, Jair Renan. A advogada Ana Cristina Valle, atualmente sob suspeita de ser a principal cabeça do esquema de rachadinhas nos gabinetes do ex-marido e dos enteados envolvidos na política – Flávio e Carlos Bolsonaro – denunciou ao Itamaraty em 2009 ter sido ameaçada de morte pelo então deputado federal. Isso a levou a deixar, inclusive, o Brasil.

O relato consta de um telegrama reservado arquivado no Ministério das Relações Exteriores. Na época, Bolsonaro e Ana Cristina travavam uma disputa judicial no Rio de Janeiro sobre a guarda do filho do

Reprodução



Jorge Santos mostra as marcas da agressão que Conceição sofreu do deputado Jair Bolsonaro

Bolsonaro agride mulher

A Vila Militar viveu ontem uma tarde agitada. O deputado federal Jair Bolsonaro (PPB), candidato à reeleição, foi acusado de agredir uma mulher na frente da agência do Banco do Brasil na avenida Duque de Caxias, em Deodoro. A vítima, Conceição Aparecida Aguiar, de 42 anos, gerente de uma empresa que presta serviços de assistência jurídica - Planajur -, alega ter sido espancada pelas costas pelo deputado

enquanto discutia com uma de suas correligionárias e pretende processá-lo por agressão. Seu chefe, Jorge dos Santos, afirma ter sofrido ofensas do deputado e também ter sido espancado por dois seguranças de Bolsonaro.

Bolsonaro, por sua vez, admitiu que agrediu Conceição, mas, segundo ele, quem iniciou o tumulto foram os funcionários da Planajur. "Acho que eles se sentiram incomoda-

dos com minha presença com ofensas pessoais deles foi para cima de mim. A briga começou".

A queixa foi registrada de Realengo. Agora a fazer exame de corpo tem o exame não pôde que a legista de plantão do Instituto Médico Legal de Campo Grande havia saído do trabalho.



c) A Senhora Ana Cristina Siqueira Valle disse ter deixado o Brasil há dois anos "por ter sido ameaçada de morte" pelo pai do menor. Aduziu ela que tal acusação poderia motivar pedido de asilo político neste país.

CONDUTA CRIMINOSA

Dois exemplos de agressão contra as mulheres. À esquerda, reportagem do *JB* de 1998, noticia a agressão do então deputado federal a uma gerente de empresa, no Rio. E acima, telegrama do Itamaraty, de 2011, mostrando que a ex-mulher do hoje presidente, Ana Cristina denunciou-o por tê-la ameaçado de morte

casal, o jovem 04, hoje suspeito de rolos e esquemas de tráfico de influência. Na época, contudo, ele tinha 12 anos. “A senhora Ana Cristina Siqueira Valle disse ter deixado o Brasil há dois anos [em 2009] ‘por ter sido ameaçada de morte’ pelo pai do menor [Bolsonaro]. Aduziu ela que tal acusação poderia motivar pedido de asilo político neste país [Noruega]”, diz o telegrama.

Em outro trecho do documento oficial, ela disse considerar que, ao procurá-la, o vice-consulado do Brasil na Noruega “estava agindo em nome do deputado federal Jair Bolsonaro”. O caso só veio a público em 25 de setembro de 2018, no auge da campanha eleitoral, em reportagem publicada pela *Folha de S.Paulo*.

Bolsonaro mobilizou o Itamaraty, em 2011, como deputado federal, para que o órgão intercedesse em seu favor depois que Ana Cristina viajou para a Noruega com o filho do casal. A afirmação da ex-mulher dele sobre a suposta ameaça de morte consta da íntegra de telegrama de julho de 2011 enviado a Brasília pela Embaixada do Brasil em Oslo, capital do país escandinavo. Este foi mais um registro do nível de periculosidade do presidente quando se trata de mulheres como alvo de sua ira. Mas há outros casos, também registrados publicamente.

Em março de 2011, o deputado partiu para a agressão verbal a artista Preta Gil, quando questionado pela cantora baiana sobre o que faria se seu filho se apaixonasse por uma negra, durante o programa CQC, exibido pela Band. “Eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”.

A agressão à filha do cantor e compositor Gilberto Gil – ex-ministro da Cultura do governo Lula – rendeu um processo ao então deputado. E ele foi condenado. O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) decidiu que ele deveria pagar R\$ 150 mil por danos

morais ao Fundo de Defesa dos Direitos Difusos, do Ministério da Justiça, por causa da declaração odiosa contra Preta e família.

Em 2014, Bolsonaro mais uma vez mostrou ao Brasil seu pensamento sobre o papel da mulher, ao justificar a existência de diferenças salariais no mercado de trabalho brasileiro. Seu pensamento reacionário parece de um conservador do século 19. Na concepção dele, mulheres devem ganhar menos porque engravidam. Em entrevista ao jornal *Zero Hora*, deixou claro como enxerga a questão e naturalizou que a mulher receba salários menores, mesmo desempenhando as mesmas funções.

“Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? ‘Poxa, essa mulher está com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade’...”, desabafou. “Por isso que o cara paga menos para a mulher, qual a solução...”

Em dezembro de 2014, o hoje presidente voltou a protagonizar um novo episódio de agressão a uma mulher, ofendendo a deputada federal e ex-ministra dos Direitos Humanos Maria do Rosário (PT-RS). Em discurso na Câmara, em tom de deboche, o então



Agência Câmara

MISOGINIA NO CONGRESSO No plenário da Câmara, Jair Bolsonaro parte para cima de Maria do Rosário (PT-RS) e é contido por parlamentares

deputado disse que a parlamentar não merecia ser estuprada, porque “é muito ruim”. “Ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”, disse.

A agressão desmedida à deputada petista rendeu a Bolsonaro uma condenação por danos morais, uma retratação pública e uma multa de R\$ 10 mil, determinada pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Ainda assim, o parlamentar jamais mostrou qualquer remorso ou pediu desculpas por essa e outras agressões.

Foi com ódio nos olhos que Bolsonaro, do alto de sua estupidez, inaugurou a era do ódio gratuito aos adversários políticos – ao vivo e em transmissão para toda a mídia do planeta – ao anunciar seu voto pelo impeachment de Dilma Rousseff, dando um viés de horror ao Golpe de 2016.

Em 17 de abril de 2016, o deputado, ladeado pelo filho Eduardo Bolsonaro, foi ao microfone do plenário da Câmara e anunciou, apoplético: “Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Bri-

PALAVRAS DO PRESIDENTE

“Some daqui, vagabunda! Você está aqui para defender o governo e intimidar meus coronéis”

Em 18 de novembro de 1998, ao se dirigir à assessora da Presidência Celeste Guimarães

“Eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”

Ao responder A Preta Gil, no programa CQC, da TV Bandeirantes, em 2011

“Ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”.

Contra a deputada Maria do Rosário (PT-RS), durante discurso na Câmara dos Deputados, em dezembro de 2014



ALTIVA Dilma Rousseff é alvo constante do machismo de Jair Bolsonaro, que a ataca desde 2016, exatamente por ela ser uma política relevante

lhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim”.

Para a imprensa estrangeira, o voto mostrava o nível de irracionalidade e extremismo daquele que seria o portador da bandeira da ultradireita no Brasil. Ao homenagear Ustra – “o pavor de Dilma Rousseff” –, notório torturador e facínora, laureado pelo presidente, os filhos e militares que ocupam hoje cargos no governo, Bolsonaro passou a ser centro das atenções da mídia estrangeira, que desde então não o poupou de adjetivos depreciativos: negacionista perigoso, extremista despreparado e vilão dos direitos humanos.

Dilma voltaria a ser alvo de ataques absolutamente inconcebíveis de Bolsonaro, não pelas divergências ideológicas, mas pelo fato dela ser uma mulher de fibra, que encarou a morte e a tortura, nos anos de chumbo, quando esteve presa nos porões da ditadura militar. “Dizem que a Dilma foi torturada e fraturaram a mandíbula dela. Traz o raio X para a gente ver o calo ósseo. Olha que eu não sou médico, mas até hoje estou aguardando o raio X”, afirmou em dezembro de 2020, gargalhando.

Em nota, Dilma, na época, reagiu à agressão desme-

dida. “É triste, mas o ocupante do Palácio do Planalto se comporta como um fascista. E, no poder, tem agido exatamente como um fascista. Ele revela, com a torpeza do deboche e as gargalhadas de escárnio, a índole própria de um torturador. Ao desrespeitar quem foi torturado quando estava sob a custódia do Estado, escolhe ser cúmplice da tortura e da morte”.

Na campanha eleitoral de 2018, em março, voltou a mostrar um tom misógino, machista e absolutamente irracional para alguém que pretendia ser presidente da República. Ao ser indagado se aumentaria o número de mulheres no seu ministério, em um eventual governo que estivesse sob o seu comando, mostrou o que pensa. “Não é questão de gênero. Tem que botar quem dê conta do recado. Se botar as mulheres vou ter que indicar quantos afrodescendentes?”, indagou.

Por conta de sua conduta política anormal e avessa à igualdade de gêneros ou de respeito a mulher, pela primeira vez na história do Brasil, um candidato passou a ser alvo de ataques das mulheres por conta da misoginia. Em setembro de 2018, um movimento surgiu nas redes sociais que mobilizou milhares de jovens e colocou nas ruas do Brasil uma campanha diferente: Mulheres Unidas Contra Bolsonaro. No Facebook, a página do movimento reuniu 3 milhões de participantes.

A campanha Ele Não ganhou o Brasil e chamou a atenção da imprensa internacional. Em 30 de setembro de 2018, milhares de mulheres tomaram as

**“DIZEM QUE A DILMA
FOI TORTURADA E
FRATURARAM A
MANDÍBULA DELA.
TRAZ O RAIOS X
PARA A GENTE
VER”, ZOMBOU
BOLSONARO**



AFP/Reprodução

#ELENÃO Na campanha de 2018, pela primeira vez na história, as mulheres reagiram a uma candidatura presidencial. Milhares de mulheres foram às ruas em 114 cidades e fizeram manifestações no exterior. Até Madonna aderiu aos atos

ruas de 114 cidades do Brasil. Também houve atos em diferentes cidades do mundo, como Nova York, Lisboa, Paris e Londres. As maiores manifestações aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro. Foram mais de 100 mil pessoas no Largo da Batata, em São Paulo, e 25 mil na Cinelândia, no Rio, no momento de pico.

Todos com um único propósito: deter Jair Bolsonaro, o político de extrema-direita que durante anos usou as mulheres como alvo de seus disparates, desde dizer para Maria do Rosário que ela “não merecia ser estuprada” até considerá-las indignas de receber o mesmo salário que os homens.

O candidato da extrema-direita foi eleito. E não teve dúvidas ao assumir o governo. Reduziu significativamente o papel da mulher nas instituições do Estado, escasseando os espaços de representação. Em 2019, no primeiro discurso feito como presidente da República no Dia Internacional da Mulher, mostrou a velha face da misoginia que por tantas vezes encarnou com a desenvoltura de um troglodita.

“Pela primeira vez na vida o número de ministros e ministras está equilibrado no governo. Temos 22



AGRESSÃO A MACRON

Em 2019, incomodado com as críticas do presidente da França, Bolsonaro partiu para o deboche ao chamar a primeira-dama Brigitte Macron de "feia"

ministérios, 20 homens e duas mulheres", gabou-se. Dos 22 postos na Esplanada dos Ministérios, Bolsonaro nomeou apenas duas mulheres: Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) e Tereza Cristina (Agricultura). Para Bolsonaro, o Dia Internacional da Mulher "não é diferente dos demais" porque, na visão simplória dele, as mulheres "estão em nossas vidas 24 horas por dia".

"Não existe um homem que possa fazer uma política séria se não tiver, não ao seu lado, mas junto de si, uma mulher com os mesmos princípios. Graças a Deus eu tenho uma família consistente e nós devemos buscar isso e somente dessa maneira nós podemos construir uma grande nação", acrescentou, em seu discurso no Palácio do Planalto.

No ano seguinte, também em março, no mês da mulher, saiu-se com outra frase lapidar: "Tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão. Como é que acaba com isso? Tem que trabalhar, meu Deus do céu. É crime trabalhar?", disse, destacando que o Brasil deveria abandonar a medida do isolamento social, a qual foi definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS).



Design Ativista/Reprodução

No exercício do cargo, o presidente também deu mostras da sua eloquência macho-alfa em fóruns internacionais. As agressões e o tom de bazófia contra mulheres em postos-chave envergonhar a diplomacia e o povo brasileiro. Os exemplos são embaraçosos. Em 2019, Jair Bolsonaro atacou a alta comissária de Direitos Humanos da ONU, a ex-presidente do Chile Michelle Bachelet.

Ela havia criticado as políticas do seu governo e denunciou o “encolhimento do espaço democrático no Brasil”, em entrevista coletiva na sede das Nações Unidas em Genebra. Bolsonaro não titubeou. “Michelle Bachelet, comissária dos Direitos Humanos da ONU, seguindo a linha do Macron em se intrometer nos assuntos internos e na soberania brasileira, investe contra o Brasil na agenda de direitos humanos (de bandidos), atacando nossos valerosos policiais civis e militares”, escreveu, colocando nas redes sociais foto dela ao lado de Dilma e Cristina Kirchner na cerimônia de posse do seu segundo mandato como presidente do Chile, em 2014.

Não satisfeito, ainda agrediu o pai da ex-presidenta, Alberto Bachelet Martínez, um oficial legalista que se opôs ao golpe de 1973 que derrubou o presidente Salvador Allende e foi preso e torturado pela ditadura do general Augusto Pinochet (1973-1990). “[Bache-

let] Diz ainda que o Brasil perde espaço democrático, mas se esquece que seu país só não é uma Cuba graças aos que tiveram a coragem de dar um basta à esquerda em 1973, entre esses comunistas o seu pai brigadeiro à época”, escreveu. Ele morreu na prisão, sob a ditadura de Augusto Pinochet.

Outro alvo da ira de Bolsonaro foi a mulher do presidente da França, Emmanuel Macron. Criticado por Macron pelas queimadas na Amazônia, Bolsonaro endossou

um comentário de um internauta que zombava da mulher do presidente francês, Brigitte, 24 anos mais velha que o marido. O líder brasileiro foi criticado e a imprensa francesa repercutiu o episódio, chamando-o de sexista.

Em agosto de 2019, um seguidor postou foto dos dois casais em um post do presidente brasileiro, com a legenda: “Agora entende por que Macron persegue Bolsonaro?” O próprio respondeu: “Não humilha cara. Kkkkkkk”. O comentário foi acompanhado de uma montagem – de um lado, Macron e a mulher Brigitte; e, do outro, o presidente brasileiro e Michelle, 27 anos mais jovem. Impressionado com a conduta do presidente, Macron questionou se Bolsonaro estava “à altura” do cargo depois das piadas que fez de sua mulher.

Em entrevista concedida em Biarritz, na França, por ocasião da reunião do G7, o presidente da França foi elegante, mas não escondeu seu descontentamento com a impertinência de Bolsonaro. “Como

MACRON, SOBRE O ATAQUE DE BOLSONARO À PRIMEIRA- DAMA: “ACHO QUE AS MULHERES BRASILEIRAS, SEM DÚVIDA, TÊM VERGONHA DELE”

sinto muita amizade e respeito pelo povo brasileiro, espero que tenha rapidamente um presidente que esteja à altura”, disse. “O que posso dizer a eles? É triste, é triste. Mas é triste acima de tudo para ele e para os brasileiros”, respondeu. “Acho que as mulheres brasileiras, sem dúvida, têm vergonha de ler isso de seu presidente”, acrescentou. O troco virá em outubro de 2022. Nas urnas, o candidato do ódio será derrotado pelos progressistas e democratas. E, claro, pelas mulheres. •



VÍTIMA Patrícia Campos Mello foi alvo da ira de Bolsonaro, que fez ataques sexistas contra a jornalista, a mesma que denunciou as fake news em 2018

OS ATAQUES DE BOLSONARO ÀS MULHERES JORNALISTAS

Se o presidente Jair Bolsonaro tem conduta agressiva contra as mulheres de uma forma geral, contra as jornalistas ele é especialmente virulento. Os casos são inúmeros. Ele sempre reagiu com agressividade ao ser questionado por mulheres jornalistas.

Em 21 de junho de 2021, o presidente mandou uma repórter e integrantes da própria equipe calarem a boca, tirou a máscara, reclamou da cobertura da CNN e atacou Laurene Santos, da TV Vanguarda, afiliada da Globo.

Antes, ainda naquele mês, chamou Daniela Lima, colunista política e apresentadora da CNN Brasil, de quadrúpede. Depois, Bolsonaro levantou a voz e hostilizou Adriana de Luca, também da CNN, e Victoria Abel, da rádio CBN, que cobriam um evento em Sorocaba, interior de São Paulo.

A Justiça condenou o governo a pagar multa por danos morais coletivos de R\$ 5 milhões por ofensas

contra as mulheres em declarações públicas feitas pelo presidente e outros do Executivo.

As humilhações e perseguições de gênero por parte de Bolsonaro e seus apoiadores levou a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) a desenvolver um projeto para monitorar ataques específicos a jornalistas mulheres. Nos primeiro semestre de 2021, Bolsonaro atacou diretamente seis jornalistas mulheres. Em 2020, foram nove ataques.

A Abraji repudiou a forma pela qual a mais alta autoridade do país se dirige às mulheres em geral e às jornalistas em particular. “É vergonhoso que ele e outras figuras públicas apelem ao machismo e à misoginia para intimidar mulheres e tentar retirá-las do espaço público, conquistado após décadas de luta dos movimentos feministas”, diz em nota.

Em março, a Justiça condenou Jair Bolsonaro a indenizar a repórter Patrícia Campos Mello, da *Folha*, por um ataque machista. “Ela queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim”, disse. No final de 2018, Patrícia publicou reportagem sobre o esquema irregular de disparo de mensagens por WhatsApp nas eleições presidenciais. •



POR QUE MULHERES E JOVENS REJEITAM BOLSONARO

Estudo do Noppe mostra o descolamento da agenda do presidente com o que pensam segmentos da sociedade que não são petistas e nem anti-petistas. A compaixão e solidariedade das mulheres se choca com o discurso reacionário do presidente

Matheus Tancredo Toledo

Dando sequência à análise de resultados do estudo realizado pelo Núcleo de Opinião Pública e Pesquisas Eleitorais (Noppe), da Fundação Perseu Abramo, é possível refletir porque mulheres e jovens são dois dos principais segmentos da sociedade brasileira em termos de rejeição ao presidente Jair Bolsonaro.

O estudo foi realizado com metodologia qualitativa de entrevistas em profundidade, com 64 no total. Entrevistamos homens e mulheres fora do anti-petismo e do petismo nas cinco regiões do Brasil, abordando diversos assuntos referentes à compreensão sobre sociedade, Estado, democracia e política.

Entre as mulheres, detectamos uma tendência de

construção de valores em torno dos conceitos de solidariedade, compaixão, amor ao próximo, respeito pelo outro e educação com os demais. Ou seja, um complexo valorativo que compõe uma perspectiva mais coletivista ao olhar para o outro e para a sociedade. Nada a ver, portanto, com a agenda profundamente machista do presidente da República.

Desta forma, as mulheres enxergam a vulnerabilidade social e a pobreza como grandes problemas do país. E é a desigualdade social o que mais diferencia os brasileiros, dificultando a experiência de viver no país. As mulheres também são mais propensas a aceitar as pautas LGBTQIA+. E quando falamos sobre Estado e políticas públicas, há reivindicação das mulheres acerca de salário, combate à fome, cultura, lazer e meio ambiente.

Entre os jovens, detectamos um maior alinhamento a valores progressistas, no campo dos costumes, e uma compreensão mais profunda sobre as desigualdades de gênero e raça. Nas entrevistas, surgiram associações entre racismo e o passado escravocrata brasileiro, e foi justamente neste segmento que encontramos maior disposição ao diálogo sobre as cotas raciais.

Os mais jovens também criticam a precarização no trabalho – e são mais críticos no tema da divisão sexual do trabalho – tendem a não normalizar o trabalho doméstico como de responsabilidade das mulheres. Foram, aliás, os únicos dispostos a discutir o aborto enquanto tema que diz respeito a autonomia das mulheres sob o próprio corpo, embora de maneira pouco enfática.

Para conferir os resultados completos do estudo, acesse neste [link](#). •

DIVERGENTES, PESQUISAS CONFIRMAM LULA

Institutos mostram cenários diferentes. PoderData e MDA dão redução da vantagem do ex-presidente sobre adversário. Mas Ipespe e Quaest confirmam dianteira do candidato do PT

As últimas pesquisas divulgadas pelos institutos de pesquisa mostram divergências no cenário eleitoral tendo em vista a campanha presidencial. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) segue liderando a disputa, com larga vantagem. E o presidente Jair Bolsonaro (PL) busca assegurar a reeleição. Não será uma eleição tranquila. Mas os números são distintos.

O boletim 13 produzido pelo Núcleo de Opinião Pública e Pesquisas Eleitorais (Noppe) traz, de maneira detalhada, o que temos apontado em artigos para a Focus. De acordo com os institutos PoderData e MDA, houve redução da vantagem de Lula para o Bolsonaro – o que afastaria a possibilidade de resolução da eleição logo em primeiro turno.

O Ipespe e a Quaest apontam, por outro lado, para uma estabilidade da distância entre os dois candidatos desde agosto e setembro de 2021. Sergio Moro (Podemos) e Ciro Gomes (PDT) aparecem com patamares semelhantes, praticamente empatados, considerando todos os levantamentos. João Doria (PSDB) segue com bastante dificuldade, e não passa dos 2% em nenhuma pesquisa. Há, no entanto, algumas divergências importantes entre os levantamentos.

Enquanto Lula tem seu melhor desempenho na base da pirâmide social e na região Nordeste,

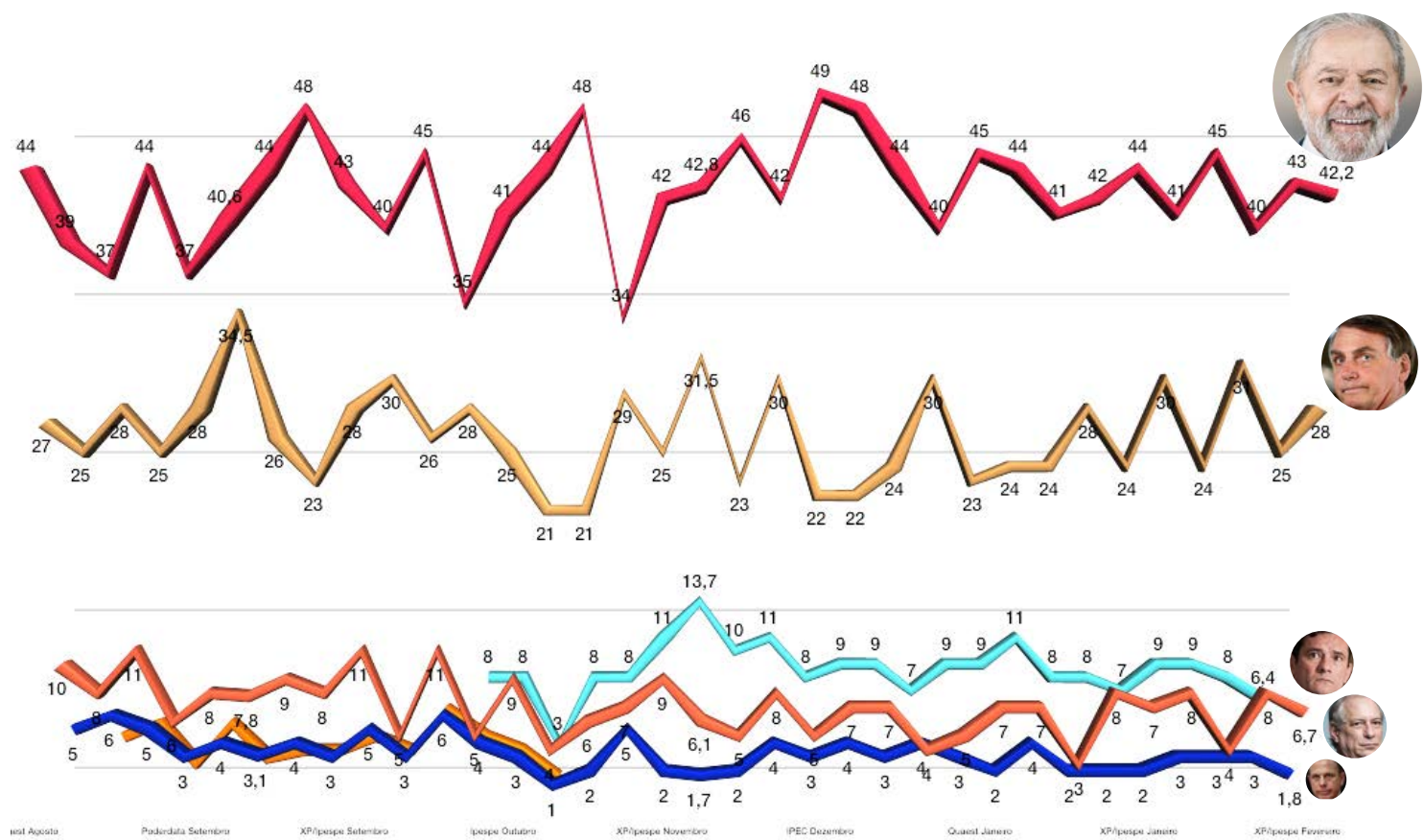
Bolsonaro tem força entre os homens e os evangélicos. O ex-presidente lidera com folga nos cenários de segundo turno. Somente o PoderData indica tendência de redução da vantagem. Cabe frisar que Lula venceria, com folgas, todos os outros candidatos.

Há vinculação entre a aprovação de Bolsonaro e sua intenção de votos. Não à toa, a pesquisa PoderData, que indica um aumento do patamar de votos no atual presidente, é a única que apresentou aumento da aprovação do presidente.

As pesquisas convergem em apontar que o Nordeste, os mais pobres, as mulheres e os jovens apresentam grandes barreiras para o avanço de Bolsonaro, no momento, tanto em intenções de voto quanto na avaliação de seu governo. • **Matheus Tancredo Toledo**

Evolução da preferência eleitoral para a Presidência

Entre agosto de 2021 e fevereiro de 2022



Eletrobras

Arte: Olimpio

PT RECORRE AO SUPREMO CONTRA VENDA DA ELETROBRÁS

Em ação, legenda tenta reverter privatização da estatal de energia, alegando que TCU deixou de analisar queixas do próprio Congresso. Assembleia de acionistas abre mão do controle da empresa

O mundo mergulha numa crise sem precedentes com a possibilidade de alta geral na energia e, enquanto isso, a assembleia geral de acionistas da Eletrobras faz um jogo perigoso ao permitir a privatização empresa estatal. O PT entrou com mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal, na terça-feira, 24, para pedir a suspensão do processo de venda da gigante do setor elétrico. Bolsonaro quer se desfazer da empresa, considerada estratégica para o desenvolvimento nacional, pelo valor de R\$

67 bilhões, mas a empresa – segundo o próprio Tribunal de Contas da União – vale pelo menos R\$ 130,4 bilhões.

A assembleia geral decidiu, na terça-feira, 22, reduzir a fatia da União de 70% para 45% do capital da Eletrobrás, tornando a empresa uma corporação com capital pulverizado. A proposta teve apoio de acionistas privados, mas os sindicatos ligados aos trabalhadores da estatal protestaram. Na assembleia, além da reestruturação societária da empresa, que deixaria de ter controle da União, o governo aprovou a venda das ações em Itaipu pelo valor de R\$ 1,2 bilhão, e a cisão da Eletronuclear, operadora das usinas nucleares de Angra dos Reis.

Segundo os advogados do PT, o ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão e Ângelo Ferraro, houve “inércia do Tribunal de Contas da União” na fase de análise, definida 15 de fevereiro. O PT sustenta na ação que a comissão da Câmara verificou irregularidades no trâmite de privatização da Eletrobrás e acusa o TCU de ignorar as preocupações dos parlamentares ao dar continuidade ao processo de venda da empresa. O mandado de segurança apresentado pelos advogados do PT pede, liminarmente, que todos os trâmites de venda da Eletrobrás sejam suspensos até que o próprio TCU analise as queixas elaboradas pela Comissão da Câmara dos Deputados.

MANDADO DE SEGURANÇA

Na ação ao STF, movida pelo ex-ministro Eugênio Aragão (foto) e Ângelo Ferraro, o PT alega que o TCU ignorou os alertas da Câmara sobre as irregularidades no processo de privatização da Eletrobrás



Ricardo Stuckert

O senador Jean Paul Prates (PT-RN), presidente da Frente Parlamentar em Defesa da Petrobrás, voltou a denunciar a tentativa do Palácio do Planalto e do Ministério da Economia de entregarem o controle da energia brasileira. “Essa política de Bolsonaro e Guedes têm como prioridade a entrega do patrimônio nacional ao setor privado”, critica. “A privatização da Eletrobrás vai inflacionar a economia do país e excluir a população pobre do acesso à energia elétrica”.

O parlamentar lembra que a Eletrobrás produz hoje grande parte da energia brasileira. “Mantê-la é uma questão de soberania, segurança energética e aproveitamento de nossa competitividade. Hoje a empresa consegue vender energia a R\$ 65 o MW/h. Com a privatização, o preço vai subir pra mais de R\$ 300 o MW/h”, adverte “E quem vai pagar essa diferença é o consumidor brasileiro. Além do já previsto aumento na conta de energia, vamos ter o aumento do custo da produção industrial e do agronegócio. O resultado vai ser mais inflação e dificuldades para a população”.

A Assembleia Geral Extraordinária da Eletrobrás com seus acionistas decidiu dar sinal verde para os próximos passos da privatização. No encontro, foi aprovada a criação de uma classe especial de ação preferencial (golden share), que será subscrita pela União para sua propriedade exclusiva, e dará o poder de veto nas deliberações sociais

**JEAN PAUL PRATES:
“A PRIVATIZAÇÃO
DA ELETROBRÁS
VAI INFLACIONAR
A ECONOMIA DO
PAÍS E EXCLUIR A
POPULAÇÃO POBRE
DO ACESSO À
ENERGIA ELÉTRICA”**

que visarem modificar ou remover os dispositivos estatutários a serem criados.

Com a ação especial, a União poderá vedar que qualquer acionista ou grupo de acionistas exerça votos em número superior a 10% da quantidade de ações em que se dividir o capital votante da companhia. A assembleia propôs ainda vedar a celebração de acordo de acionistas para o exercício de direito de voto, exceto para a formação de blocos com número de votos inferior a 10% das ações em que se dividir o capital votante da companhia, com a consequente reforma do estatuto social.

A comissão da Câmara apurou irregularidades no processo de desestatização da Eletrobrás, por meio dos processos de fiscalização e controle de números 55 e 56. A Câmara chegou a encaminhar pedido de apuração ao Tribunal de Contas da União, originando os processos de tomadas de contas TC-044.363/2021-4 e TC-044.362/2021-8.

As denúncias encaminhadas ao TCU, pelo Congresso, são o exercício constitucional da Câmara de fiscalização sobre o procedimento de desestatização da Eletrobrás, sendo dever do TCU apreciar as denúncias antes de qualquer consolidação de venda da estatal. •

OFENSIVA CONTRA O RETROCESSO

O desafio de 2022 é barrar o governo Bolsonaro no Congresso e nas ruas. O governo do entreguismo pretende seguir promovendo a devastação do país em todas as áreas. Temos de reverter o caos

Alencar Santana Braga

Na semana passada assumi, com muita honra e satisfação, a função de líder da Minoria na Câmara dos Deputados para o ano de 2022. Minha tarefa será a de coordenar a atuação e defender os posicionamentos unificados das bancadas de oposição ao governo de Jair Bolsonaro.



Para quem não está afeito ao modo como se organizam as casas de leis, explico melhor essa nomenclatura. Nos legislativos de todo o mundo existem, além dos líderes das bancadas de cada partido, parlamentares que exercem a função de líder do governo e líder da oposição, ou líder da Maioria e Minoria.

Em alguns casos, como é a Câmara dos Deputados no Brasil, temos as duas figuras: os líderes da Minoria e da Oposição, que dividem as tarefas e possuem as mesmas prerrogativas nas sessões de votação, embora a estrutura técnica de apoio ao bloco oposicionista seja da liderança da Minoria.

Teremos desafios enormes neste ano decisivo para a história do Brasil. Em outubro, a sociedade brasilei-

ra vai às urnas para decidir se quer seguir com o bando miliciano e genocida que se instalou no Palácio do Planalto ou se retomar os trilhos da democracia.

Antes disso, entretanto, temos pela frente uma agenda de destruição que precisa ser detida urgentemente. Bolsonaro pretende seguir promovendo a sua devastação - da Amazônia e dos outros biomas, bem como no campo dos direitos trabalhistas e do patrimônio público

- para entregar a riqueza do Brasil aos seus financiadores e sócios na rapinagem neoliberal.

Temos que barrar a privatização da Eletrobrás e dos Correios, bem como o desmonte da Petrobrás e de outras empresas estatais que são cobiçadas pelos amigos de Paulo Guedes e seus cúmplices da rapinagem financeira internacional.

Na saúde e na educação, o governo tem como prioridade destinar orçamento para o mercado nestas duas áreas que são vitais para promover igualdade e justiça social no país mais desigual do mundo. Estaremos a postos para denunciar, enfrentar e evitar o avanço de qualquer projeto que seja nocivo ao conjunto da população e do interesse apenas de segmentos corporativos.

O pacote do veneno, cuja aprovação na Câmara foi imposta pela bancada do câncer e com a chancela do governo, também é uma pauta urgente que precisa ser derrotada no Senado. A lista de maldades é enorme e vamos tratar da maioria delas em artigos futuros neste espaço.

TEMOS QUE BARRAR A PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRÁS E DOS CORREIOS, BEM COMO O DESMONTE DA PETROBRÁS E DE OUTRAS ESTATAIS

Entre 2005 e 2008, como vereador em Guarulhos, fui líder do prefeito Elói Pietá (PT) na Câmara Municipal. Na Assembleia Legislativa de São Paulo, fui líder da bancada do PT em duas oportunidades: 2012 e 2017.

Agora, na função de líder da Minoria na Câmara Federal, não deixo de ser um deputado do Partido dos Trabalhadores. Mas a minha incumbência e o meu ânimo são de ouvir todos os partidos da oposição e todos os setores que lutam contra o projeto neoliberal e fascista de Bolsonaro e aliados.

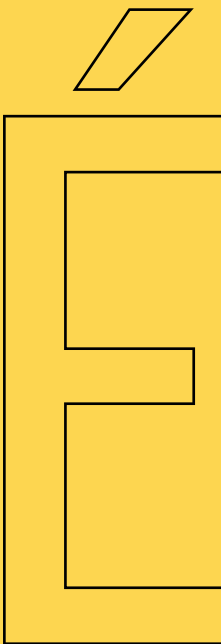
A sociedade tem nos nossos mandatos da oposição uma trincheira de resistência que precisa estar coesa, unida e disposta a dar o máximo para impedir que Bolsonaro avance. É o nosso desafio. É o nosso papel. É o dever histórico que nos cabe nesse momento. Estejamos à altura! ●

Advogado, é deputado pelo PT de São Paulo e líder da Minoria na Câmara

DÍVIDA PRIVADA E INADIMPLÊNCIA DO PLANALTO

Bolsonaro estrangula famílias e pequenas e microempresas, que estão asfixiadas por débitos. Solução é renegociação, regulação dos juros dos cartões e aumento do prazo de carência do Pronampe

Antônio Negromonte Júnior e Bruno Moretti *

 frequente entre economistas liberais uma preocupação excessiva com o tamanho da dívida pública do Brasil, ainda que não haja na literatura um consenso sobre a existência de um limite para a dívida de um país, especialmente quando esta é denominada em moeda nacional, como é o caso da nossa. Por outro lado, não há no debate público a mesma preocupação com o endividamento privado e o papel que deve ser exercido pelo Estado para tentar evitar a insolvência de famílias e empresas, especialmente em momentos de crise econômica como o atual.

De acordo com a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, realizada pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), 70,9% das famílias brasileiras estavam endividadas em 2021. O índice é a maior média anual da série histórica. Em janeiro de 2022, o total de famílias endividadas já atingia 76,1%.

A pesquisa também aponta que a inadimplência foi de 26,4% das famílias no período. Em relação à modalidade da dívida, a principal é com o cartão de crédito, alcançando 87,1% das famílias penduradas no crediário em janeiro.

O cenário também é preocupante quando analisamos a realidade das empresas, especialmente as micro e pequenas (MPEs). Em 2020, o Congresso Nacional criou o Pronampe, programa voltado para socorrer as MPEs no contexto da pandemia e da inação do governo para mitigar seus impactos econômicos e sociais.

Em junho de 2020, a taxa de juros do Pronampe era Selic mais 1,25% ao ano, resultando numa taxa total de 3,5%. Um ano depois, quando o programa foi reeditado em caráter permanente, por um fiscalismo injustificável que reduziu artificialmente o fundo garantidor do Pronampe, o custo do financiamento subiu para Selic mais 6% ao ano, com uma taxa anual total de aproximadamente 9,7%, buscando atrair interesse dos bancos.

O problema é que a Selic estava em um ciclo de alta e já era previsto que chegaria a mais de 10%. Atualmente, com a Selic a 10,75%, o custo do Pronampe está em 17,4% e o programa passou de socorro a um problema para o segmento, aumentando o risco de quebra para pequenos negócios, que são responsáveis por 60% dos empregos no Brasil.

Segundo pesquisa realizada em janeiro pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes com empresários do setor, dentre os que contraíram empréstimo por meio do programa, ao menos 20% já têm parcela em atraso. E, destes, 22% disseram que há possibilidade de seus negócios quebrarem por causa do aumento dos juros.

O ciclo de aperto monetário, via aumento da Selic, e a política fiscal contracionista reforçam o risco de uma estagnação da economia em 2022, agravando as restrições experimentadas pelo setor privado. Diante deste quadro, sem pretender esgotar o debate e as possíveis soluções, é necessário adotar medidas emergenciais que mitiguem o atual quadro de endividamento privado, especialmente:

1. Programa de incentivo para renegociação das dívidas das famílias junto ao sistema bancário, com-

pensando-se as instituições financeiras que aderirem com a liberação de compulsórios não remunerados de forma proporcional ao aumento do prazo ou à redução dos encargos.

2. Regulamentação do mercado de cartão de crédito, estabelecendo um limite para os juros cobrados nos financiamentos desta modalidade. Em janeiro de 2022, segundo o Banco Central, a taxa média de juros cobrada das pessoas físicas pelo rotativo do cartão de crédito foi de 346,3% ao ano, o que é extorsivo. O próprio BC estabelece limite para os juros cobrados no cheque especial, mas o mesmo não ocorre com o cartão de crédito.

3. Aumento da carência do Pronampe e restabelecimento de juros compatíveis com a realidade das micro e pequenas empresas, que ainda não retomaram o faturamento pré-pandemia.

Como já mencionado, as medidas propostas são de caráter emergencial, para ajudar na superação da crise. No médio e longo prazo, a melhor medida para a saúde financeira das empresas e das famílias é a geração de emprego e renda, o que requer outra política econômica. •

* Economistas e assessores no Senado Federal.



COMO O PT SALVOU O BRASIL: A PRODUÇÃO DA PETROBRÁS CRESCEU

Nos 13 anos de governos Lula e Dilma, a Petrobrás cresceu, fez as mais importantes descobertas de novas reservas da história e produziu quase o dobro de petróleo nos 50 anos anteriores

Eduardo Fagnani*,
Gerson Gomes ** e
Guilherme Mello ***



Neste décimo quinto texto de uma série de artigos organizada para oferecer fatos e números que desconstróem as mentiras circulantes segundo as quais a política econômica do PT teria “quebrado o Brasil”, analisamos como funcionou a Petrobrás nos 13 anos do PT à frente do governo fe-

deral.

Nas análises anteriores, demonstramos a falsidade da narrativa de que o país está quebrado e oferecemos fatos e números do comportamento de diversos indicadores econômicos. Mostramos ainda que nos governos petistas o Brasil voltou a crescer e a redistribuir os frutos do próprio crescimento.

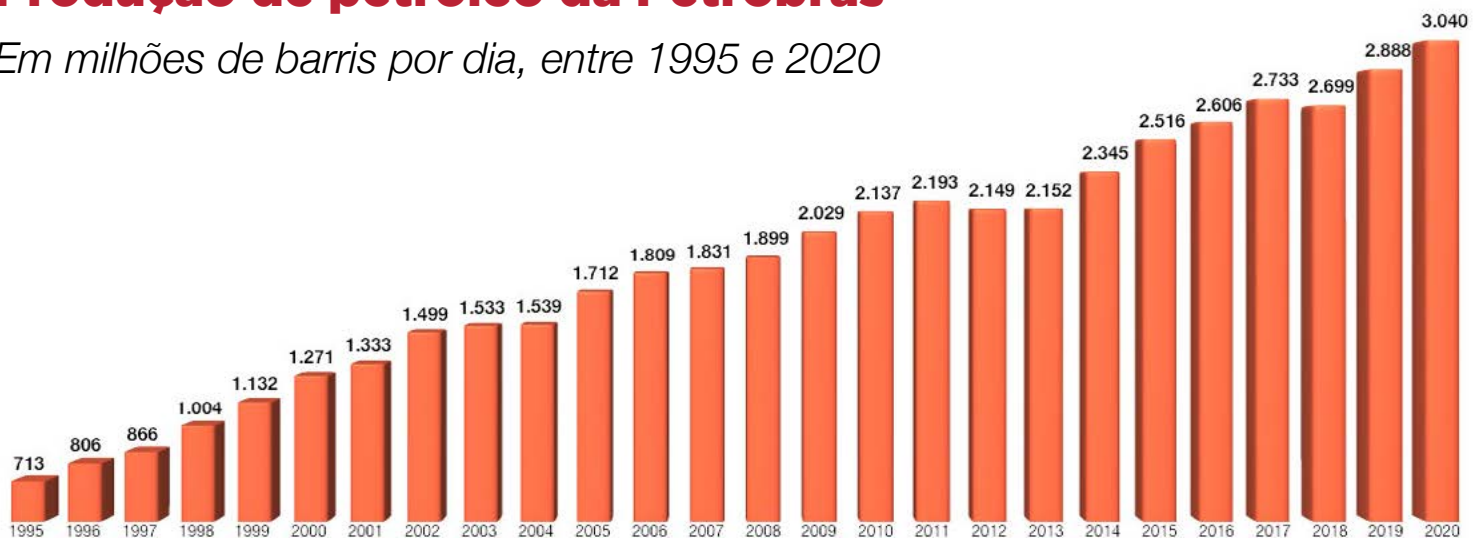
Houve expansão econômica e do PIB por habitante, da taxa de investimento, do investimento público federal e da capacidade produtiva do país. Ressaltamos ainda os reflexos do crescimento na formidável expansão de setores econômicos selecionados: indústria manufatureira, setor automotivo, produção de cimento, indústria naval, complexo de carnes, produção de grãos, produção de cana-de-açúcar, viagens aéreas nacionais e internacionais e construção naval.

Agora, mostrarmos que, nos 13 anos de governos Lula e Dilma, a Petrobrás cresceu, fez as mais importantes descobertas de novas reservas de sua história e produziu quase o dobro de petróleo que havia produzido nos 50 anos anteriores.

Quando Lula chegou ao poder, a Petrobrás era uma empresa de médio porte de extração de pe-

Produção de petróleo da Petrobrás

Em milhões de barris por dia, entre 1995 e 2020



Fonte: IPEADATA. GOMES, Gerson e SILVA DA CRUZ, Carlos A. Vinte e Cinco Anos de Economia Brasileira. Brasília: Centro de Altos Estudos Brasil Século 21, maio de 2021.

tróleo. Não tinha especial relevância no cenário internacional e estava a ponto de ser privatizada pelo governo Fernando Henrique Cardoso.

Em 2002, a produção de petróleo era de 1,5 milhão de barris por dia. A continuidade do crescimento da produção da empresa dependia de

novas descobertas e da recuperação de áreas de exploração. O domínio das tecnologias da exploração em águas profundas foi um processo iniciado antes dos governos petistas. A Petrobrás já fora premiada, antes, pelo desenvolvimento de tal tecnologia.

Nos governos do PT, o desenvolvimento tecnológico foi aperfeiçoado e tomaram-se decisões de risco para implantá-la mais amplamente. Des-

sas decisões resultaram as descobertas das bacias do Espírito Santo, ao norte de Campos, e da bacia de Santos, ao sul, com a descoberta do pré-sal.

Quando a Petrobrás descobriu uma das maiores reservas de petróleo do mundo, conseguiu dominar a tecnologia de exploração em águas profundas e ampliou significativamente a produção de petróleo, que atingiu 2,5 milhões de barris por dia, em 2015.

Vê-se que foram necessários cerca de 50 anos para que a produção de petróleo chegasse a 1,5 milhão de barris por dia (2002). Depois, em apenas 13 anos de governos do PT, a produção da Petrobrás cresceu 74% em relação ao patamar que havia sido atingido durante meio século.

Com a descoberta do pré-sal – e a despeito dos danos causados na gestão da Petrobrás pelos governos Temer e Bolsonaro –, em 2020 a produção da Petrobras já era novamente o dobro – 3 milhões de barris por dia – da produção de 2002.

Entre 2011 e 2014, a produção média anual, de 2,2 milhões de barril/dia, era mais que duas vezes

**EM 2010, COM
LULA, A PETROBRÁS
REALIZOU A
MAIOR OPERAÇÃO
NA BOLSA,
OFERECENDO R\$
120 BILHÕES EM
VENDA DE AÇÕES**

e meia da média registrada entre 1995 e 1998 – 887 mil. E, entre 2015 e 2018, a produção já era de 2,6 milhões, mais que o triplo.

Com a retomada do crescimento do mercado interno de derivados, a partir de 2006 os planos estratégicos da Petrobrás passaram a considerar a necessidade de expandir a capacidade de destilação no país, e cinco novas refinarias passaram a ser construídas simultaneamente para aumentar a capacidade de refino e abastecer o mercado interno com a produção doméstica.

Dado o enorme esforço de investimento a ser realizado, o governo Lula foi decisivo para que a empresa conseguisse, em setembro de 2010, realizar a maior operação mundial de levantamento de recursos financeiros em Bolsas de Valores. Foram mais de R\$ 120 bilhões em venda de ações, em que o Tesouro, o BNDES e o Fundo Soberano adquiriram papéis que elevaram a participação do governo no capital da Petrobrás.

Tais recursos possibilitaram a aquisição das áreas da cessão onerosa, que garante a produção atual e tem em Búzios os melhores campos produtivos do offshore mundial. Os contratos de cessão onerosa, em que a Petrobrás adquiriu o direito de produzir 5 bilhões de barris de petróleo em troca de ações da companhia, permitiram que a empresa realizasse o maior pacote de investimentos de sua história e do mundo no setor.

Essa estratégia tornou a Petrobrás uma das empresas mais premiadas em concursos internacionais sobre inovação. No que se refere a pesquisa e desenvolvimento (P&D), o mais relevante foi a duplicação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CENPES) da Petrobrás, na Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro.

Mas ainda houve a expansão de rede de pesquisas envolvendo centenas de universidades e centros de investigação pelo Brasil inteiro, assim como a consolidação de um centro de pesquisa com la-

Petrobrás pós-Bolsonaro



boratórios de outras grandes empresas na UFRJ.

Ao final, a Petrobrás havia deixado de ser uma empresa média de petróleo para se tornar uma das maiores companhias de energia do planeta, atuando em áreas como refino, combustíveis renováveis e petroquímica. Além disso, a empresa também foi decisiva ao promover o desenvolvimento de outros setores produtivos, como a indústria naval e de máquinas e equipamentos.

Nesse sentido, dois outros programas de investimentos da Petrobrás tiveram fundamental importância. O primeiro foi a expansão do setor de gás, com a construção de gasodutos, Unidades de Processamento de Gás Natural (UPGN), terminais de gaseificação e consolidação dos mercados brasileiros de gás natural, tanto para a geração termoelétrica, como para uso industrial, incluindo fertilizantes nitrogenados.

O segundo programa fundamental foi a consolidação de grandes investimentos para adaptar a qualidade dos combustíveis das refinarias às exigências da preservação ambiental, em especial o

conteúdo de enxofre na gasolina e diesel, além da capacidade para converter o petróleo brasileiro em derivados e da necessária expansão da capacidade, que se impõe hoje com muita clareza com a necessidade de importações, também porque as nossas refinarias não cresceram, depois do desmonte da companhia.

Hoje, quase dois terços da produção brasileira de petróleo vêm do pré-sal. Se os governos Lula e Dilma não tivessem garantido aquele investimento na construção de sondas, equipamentos submersos e plataformas, o Brasil estaria hoje com produção muito menor.

A Petrobrás endividou-se para investir no desenvolvimento do seu programa de produção do pré-sal, expansão do refino e do gás e para consolidar uma cadeia de fornecedores, gerando emprego e renda no Brasil.

A dívida da Petrobrás era totalmente administrável, porque havia investimentos que, uma vez amadurecidos, gerariam fluxo de receita permanente capaz de amortizar as dívidas. Além do mais, o custo de captação da empresa era baixo, menor que o custo da dívida pública brasileira, graças ao grau de investimento de que a companhia desfrutava.

Ao longo de 13 anos, houve percalços – sobretudo em função da flutuação do preço do petróleo no mercado internacional – que tiveram impactos nas finanças da estatal. As ações da Petrobrás seguem fortemente o comportamento dos preços do petró-

**NA ESTEIRA DA
PERSEGUIÇÃO A
LULA, A OPERAÇÃO
LAVA JATO REDUZIU
O PIB BRASILEIRO
EM 3,6% E
DESTRUIU 4,4
MILHÕES
DE EMPREGOS**

leo, como a maioria das empresas do setor.

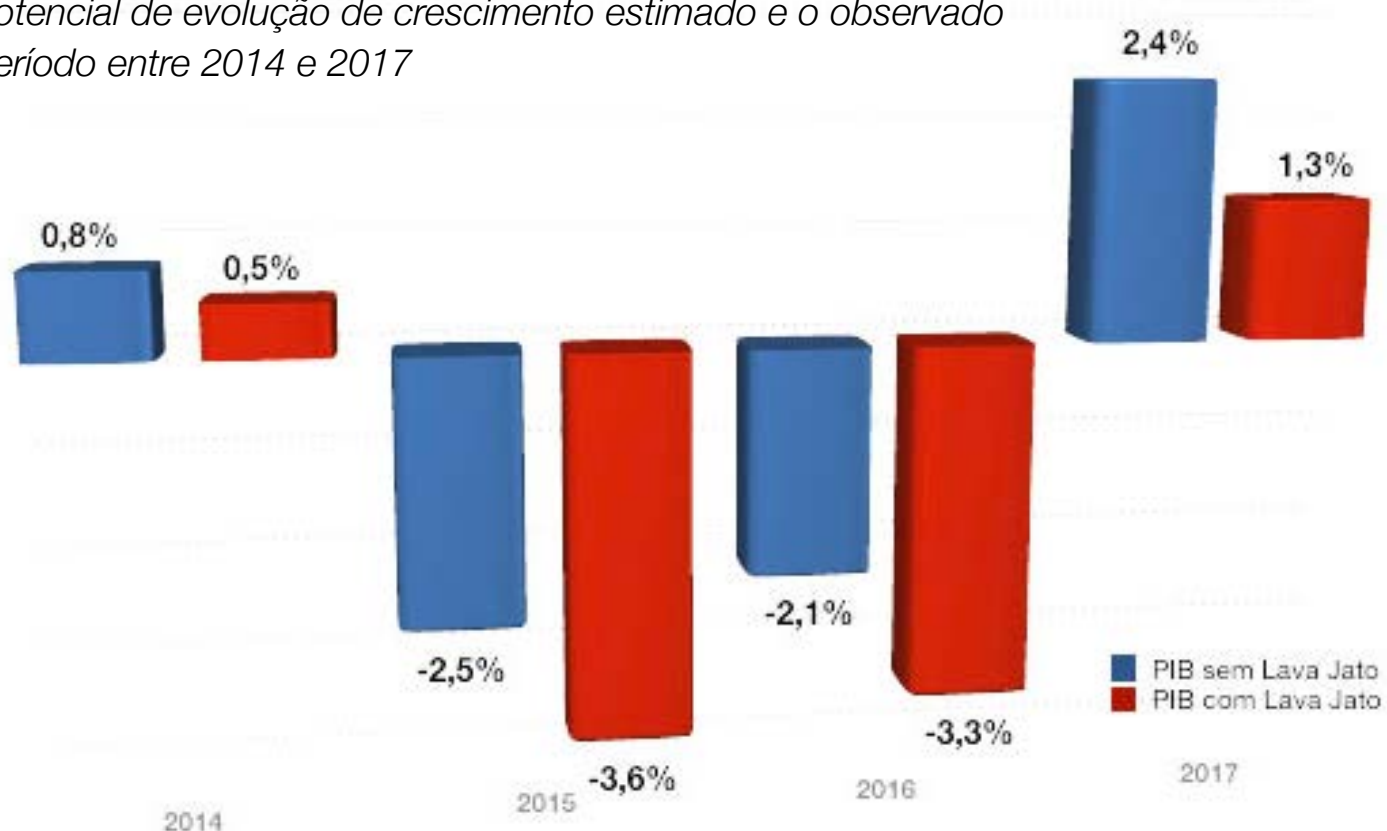
Num primeiro momento, quando ainda dependíamos da importação de combustíveis, o preço internacional do barril tipo Brent no mercado internacional atingiu US\$ 143,68, em julho de 2008. Mas isso mudou.

Com a grande volatilidade internacional, o preço caiu para US\$ 37 o barril no final de 2008. E voltou a subir para patamares superiores a US\$ 100 entre 2011 e 2014. A partir daquele ano, quando os investimentos do pré-sal começam a maturar, o preço do petróleo desabou inesperadamente, chegando a US\$ 29,64 em fevereiro de 2015, o que afetou a empresa e toda a cadeia produtiva a seu redor.

A situação financeira da Petrobrás se agravou no período entre 2014 e 2016, devido à queda dos preços internacionais, à redução do mercado interno de combustíveis, além da grande elevação da taxa de câmbio, que impactou o volume das dívidas amplamente referenciadas em dólar. As receitas de vendas da empresa caíram de R\$ 337 bilhões acumulados em 2014, para R\$ 283 bilhões no final de 2016. No entanto, o perfil da dívida da empresa, mesmo mui-

Efeito da Lava Jato sobre o PIB brasileiro

*Potencial de evolução de crescimento estimado e o observado
Período entre 2014 e 2017*



Fonte: Implicações econômicas intersetoriais da operação Lava Jato. CUT/DIEESE, março/2021.

to elevado, era de longo prazo, com quase metade dos vencimentos a ocorrer depois de 2021.

Alguns diretores da empresa, funcionários de carreira, envolveram-se em esquemas de corrupção. A maioria dos diretores e dos gerentes executivos da companhia não tiveram qualquer envolvimento em negócios escusos. As perdas com corrupção, reconhecidas no balanço da Petrobras de 2014, alcançaram R\$ 6 bilhões em 10 anos. E a receita foi de R\$ 2,3 trilhões no período.

Por ser percentual tão baixo das receitas e despesas, apesar de aos olhos do cidadão comum parecer valor tão alto, a corrupção pode, sim, ter passado despercebida pelos mecanismos de controle.

Obviamente tudo isso prejudicou a imagem da empresa. Mas a solução encontrada pela Operação Lava Jato não visou a preservar coisa alguma, mas a destruir a empresa, acobertar corruptos e a perseguir inimigos políticos do grupo dito 'jurídico'.

Na esteira dessa perseguição, a Lava Jato reduziu o PIB brasileiro em 3,6%, destruiu 4,4 milhões de empregos. O país deixou de arrecadar R\$ 47,4 bilhões de impostos e R\$ 20,3 bilhões em contribuições sobre a folha. Houve ainda redução da massa salarial do país em R\$ 85,8 bilhões.

A Lava Jato quebrou dezenas de empresas que atuavam em conjunto com a Petrobrás, como foi o caso - emblemático - da construção naval, afetando os setores envolvidos diretamente - petróleo e gás e construção civil -, mas também gama importante de outros segmentos, devido aos impactos indiretos e ao efeito sobre a renda).

O preço que a Lava Jato custou ao Brasil em termos de perdas e prejuízos é várias vezes superior ao que possa ter rendido em benefícios, dado o modo político vicioso como a operação foi conduzida pelo juiz Sérgio Moro, hoje candidato à Presidência.

Portanto, vê-se que, tampouco no caso da Pe-

trobrás, absolutamente não se sustenta a narrativa delirante de que a economia, ao cabo dos governos petistas, estaria vivendo uma “crise terminal”. •

* Doutor em Economia e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho da Unicamp. ** Membro do Conselho do Centro de Altos Estudos do Brasil para o Século 21. Foi funcionário de carreira da FAO e da CEPAL e assessor econômico no Senado Federal e na Câmara dos Deputados. *** Professor do Instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica, da Unicamp.

1972

O ANO MÁGICO DA MPB

Num dos períodos mais tenebrosos da repressão, os discos que chegavam quase todos os meses às lojas no Brasil traziam vozes e sonoridades que iluminavam aqueles tempos sombrios

Bia Abramo

Em 2022, vários discos essenciais da MPB completam 50 anos de lançamento. A geração que viveu a efervescência cultural entre 1964 e 1968, que viu e sobretudo aquela enfrentou as batalhas dos festivais de música na TV, aparece com álbuns de ruptura. São discos experimentais e/ou de uma maturidade surpreendente, como é o caso de Caetano Veloso e Gilberto Gil, recém-chegados do exílio em Londres.

Outros artistas, que estiveram mais ou menos nas margens desse processo e em outros nichos de público, começaram a explorar caminhos inovadores

e diversos. Além disso, surge também uma geração que sintetiza – ou coloca em curto-circuito – as experiências do período anterior, com influências da Bossa Nova e da Tropicália.

Como toda efeméride é apenas uma conta que se faz a partir do calendário, Focus conversou com jornalistas e pesquisadores de música para debater se, de fato, 1972 é um ano especial na música brasileira.

Também perguntamos quais as forças dentro da cultura e da vida política e social do Brasil naquele período estavam operando para que o ano mágico se tornasse “um divisor de águas para a música pop brasileira”, como aponta o crítico norte-americano Andy Beta, em resenha sobre o álbum “Clube da Esquina”, no Pitchfork, em 2018.

Por fim, não podíamos deixar de fazer a pergunta difícil: de todos esses discos marcantes, quais são os seus três – e apenas três – favoritos? Leia, a seguir, os principais trechos das entrevistas.

OS ANOS 1970 NA MPB

“Eu acho que 1972 foi um ano especial, mas eu não particularizaria esse ano. De 1968, ou seja, da Tropicália em diante, todos os anos foram bem especiais, até no mínimo 1976. Essa produção do início dos anos 70 tem muito a ver com o legado que ficou da era dos festivais, uma coisa que fortaleceu demais a música brasileira. E, mesmo sob muita guerra no contexto dos festivais, o ponto de vista dos tropicalistas prevaleceu, virou hegemônico”. *Pedro Alexandre Sanches, jornalista cultural e crítico musical.*

“A década de 1970 é muito importante para a música brasileira como um todo, indo além daquilo que consideramos como MPB. Foi uma época de estabilização do mercado do disco e também do showbiz, com estruturas maiores de shows, turnês pelo país, junto com a influência do rádio e da TV. Alguns artistas que iniciaram suas carreiras na década anterior também atingiram um nível de maior autonomia e maturidade em suas carreiras e dentro das grava-

doras, e puderam ousar mais. O público também já parecia estar mais preparado para essas novidades, já bem articulado com o desenvolvimento de linguagens artísticas já influenciadas pela música de massa norte-americana, dialogando também com tradições locais. É um momento em que os artistas brasileiros consolidam uma dicção muito particular". *Luciana Xavier de Oliveira, professora e pesquisadora de relações étnico-raciais da UFABC.*



1972 NO BRASIL

"Eu acho que 1972 foi um ano muito importante para a música brasileira, se você pensar nos discos que foram produzidos, mas entendo isso dentro de um processo que já vinha vindo antes, desde a Tropicália. Ou seja, é um amadurecimento da música brasileira. A influência da contracultura, da cultura internacional, já estava mais assimilada. Dois dos discos que eu amo – "Transa" e "Expresso 2222", começaram a ser feitos pelo Caetano e pelo Gil quando eles ainda estavam no exílio. E aí tem uma volta deles para as raízes brasileiras, mas já influenciados por tudo que estavam vivendo lá em Londres". *Luanda Baldijão, DJ e pesquisadora musical.*

"Se 1972 foi um ano especial? Acho que dá para cravar sim. Tinha um ecossistema musical funcionando". *Jotabê Medeiros, jornalista e escritor.*

"Foi um ano especial, um ano doido. Acho que hoje tem muita música boa, mas aquele momento era uma época do disco mesmo. A maioria ainda não estão manchados pela produção horrível dos anos 1980, que estraga um monte de músicas lindas. Tenho a impressão de que, entre os discos meio mal gravados dos anos 1970 e os discos bem gravados dessa mesma época, não tem uma diferença



OS MUTANTES Apresentação no FIC em 1972, época do álbum “Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets”. Nesse mesmo ano, Rita Lee é expulsa

tão grande como vai ter depois. Ouvindo hoje em dia, fica gritante essa diferença entre os 70 e os 80.” *André Maleronka, jornalista e documentarista.*

O CENÁRIO INTERNACIONAL

“1971 é o ano que tem o primeiro disco do Som Imaginário, que tem Wagner Tiso, o Frederico (Frederiko), fanático pelo Genesis e pela cena do rock progressivo. Eram músicos que acompanhavam o Milton e isso vai influenciar o “Clube da Esquina”. O Arnaldo Baptista, que também tem um discaço desse ano, “Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets”, usa a expressão ‘vasos comunicantes’, para definir isso. O próprio disco dos Mutantes tem muita influência de rock progressivo, do Yes, por causa do Sérgio Dias. No final de 1972, no ano em que o David Bowie lança “The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars”, os Secos e Molhados gravam seu primeiro disco, que só vai sair em 1973. E 1972 ainda é o ano em que os Rolling Stones lançam aquele que é considerado o melhor disco deles: “Exile on Main Street”. Tudo isso são os tais vasos comunicantes. A sonoridade dos discos desse início dos anos 1970 tem muito a ver com a cena internacional”. *Jotabê Medeiros*



NOVOS BAIANOS O grupo lançou em 1972 aquele que muitos consideram o melhor do ano e um dos melhores discos de todos os tempos: *Acabou chorare*

A INDÚSTRIA FONOGRAFICA & A ERA DOS FESTIVAIS

“Os anos 1970 foram uma época propícia para a produção musical e cultural popular massiva, pois a economia do país se abria para o capital internacional, o que gerou o barateamento de bens de consumo, como roupas, discos, TVs, aparelhos de som, acompanhando a expansão dos veículos de comunicação de massa que já vinha ocorrendo desde os anos 1960. A indústria cultural no país estava cada vez mais consolidada. Novos segmentos de consumidores eram explorados pelas gravadoras, o que impulsionava o surgimento e investimento em novos e jovens talentos da música de diferentes gêneros musicais. Havia ainda uma melhora do poder de compra desses diferentes setores sociais que também queriam se ver representados na música que consumiam, especialmente pensando em diferentes públicos jovens”. *Luciana Xavier*

“A gente vivia, na verdade, o finzinho dos festivais da canção também, o que incentivou os artistas a fazer boas canções. Eles se sentiam desafiados, a TV e a indústria fonográfica estavam crescendo. Ficar entre os finalistas de um festival poderia mudar a carreira de um artista. As gravadoras investiam muito na produção dos álbuns. Nesse período,

tem aqueles discos com orquestrações grandiosas e muitos músicos tocando". *Kamille Viola*

"Pensando nas gravadoras, houve um avanço da tecnologia dos estúdios de gravação que proporcionaram esses discos". *Luanda Baldijão*

"O grande sucesso da era dos festivais fez consolidar uma indústria fonográfica, musical. É aí que se cria aquele slogan que ia nas capas dos álbuns: 'disco é cultura'. Era uma espécie de lobby para isenção de impostos que as gravadoras estavam fazendo junto à ditadura. Mas, sim, deslança pra caramba a produção de MPB. Como a indústria estava forte, e assim ela se manteve até a crise do petróleo, então tinha espaço para todo tipo de experimentação que estava acontecendo". *Pedro Alexandre Sanches*

BOSSA NOVA, TROPICÁLIA E O QUE VEIO ANTES

"A geração da década de 1970 foi impactada pela bossa nova, pela ruptura que o João Gilberto significava e por aquele sentimento de um Brasil que ia dar certo, que tinha orgulho de si mesmo e era bem visto no exterior, o que contrastava com o que estávamos vivendo aqui politicamente com a ditadura". *Kamille Viola*

"Acho bem interessante pensar que a galera desses álbuns, que faz esses discos são considerados 'clássicos', já estava fazendo música há uns 10 anos ou mais. Ou seja, é um período de maturidade musical. Ao mesmo tempo que tem todo o peso de antes, é uma época que as pessoas estavam enxergando o que estava acontecendo no mundo. Mesmo quem estava estreando em disco, como o Jards Macalé, já trabalhava com música há muito tempo". *André Maleronka*

CONTRACULTURA X DITADURA

"Esse período da contracultura tem esse sentido de resistência. Por exemplo, o fato de os Novos Baianos morarem juntos e produzirem em uma co-

munidade, era também uma forma de reagir contra a repressão. Os movimentos sociais de resistência ao Golpe de 1964, e as manifestações culturais anteriores, como a Tropicália, influenciam decisivamente esse momento". *Luanda Baldijão*

"O Brasil estava numa ditadura militar, então era um momento que, embora houvesse o registro de todo o problema que a gente vivia, sem democracia, parecia que a música queria ir adiante disso, tinha um esforço muito bom para enxergar à frente da escuridão". *Jotabê Medeiros*

"Ainda que o contexto político geral no Brasil correspondesse a um acirramento da repressão e das desigualdades, havia transformações mundiais em curso que estavam transformando os costumes e influenciando modas, gostos e práticas de consumo da sociedade. E a música, em especial, se tornou uma espécie de vetor desses anseios, e também válvula de escape, ancorada ainda no surgimento de uma série de movimentos culturais juvenis, que ampliou as noções mais tradicionais de se fazer política e possibilitou uma maior autonomia para as criações culturais e artísticas naquele momento". *Luciana Xavier de Oliveira* •

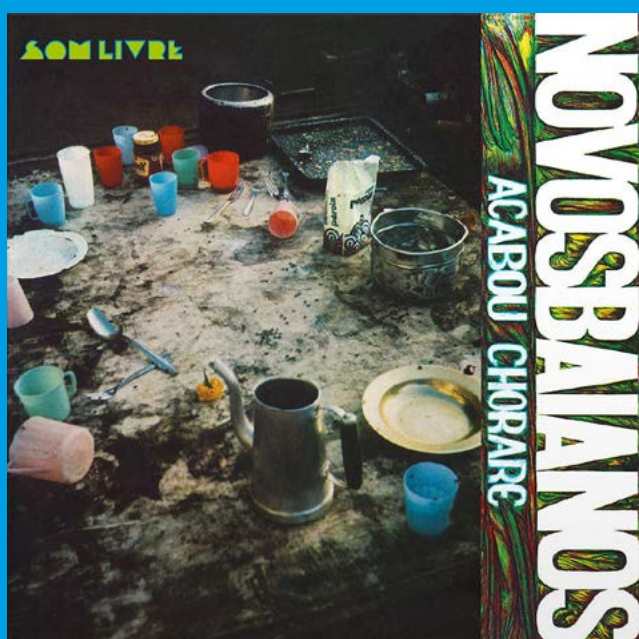
A PERGUNTA DIFÍCIL

Críticos e pesquisadores escolhem meia dúzia de discos de 1972 que você deve ouvir e reouvir

Limitando a escolha para apenas três entres os discos lançados em 1972 como prediletos, a ideia não foi chegar a um ranking ranking definitivo, mas perguntar a quem pensa em música, trabalhando na universidade ou como DJ, escrevendo reportagens, críticas, roteiros – quais os mais importantes, os absolutos. .

A dificuldade se traduziu em reclamações de todos os tipos: “Ai, mas só três?” Ao mesmo tempo, surgiram expressões afetivas sobre a relação que esses profissionais têm com a música e os artistas desse anos. “Vou falar sobre os discos que eu amo”, “os mais relevantes para mim”, “os que eu mais ouvi e ainda ouço”, “sofro por não poder incluir este ou aquele disco.”

A lista começa encabeçada por Acabou Chorare, aquele que parece representar a síntese de 1972. O Ben, do Jorge Ben, que produziu copiosamente nos anos nos 1970, ultrapassou três discos sempre citados, como os dos tropicalistas Caetano e Gil e o álbum duplo e conceitual Clube da Esquina, os três empatados. “A Dança da Solidão”, de Paulinho da Viola, e “A Janela”, de Roberto Carlos receberam menções solitárias, mas convictas de Luciana Xavier de Oliveira e Jotabê Medeiros.



“Acabou Chorare”, Novos Baianos

“Uma banda cheia de feras criou um som tão próprio, misturando rock, samba, mas não exatamente como a geração anterior a eles. É um

disco muito expressivo da música brasileira naquele período, é impressionante: as pessoas sabem cantar quase todas as músicas". *Kamille Viola*

"Acabou Chorare é a grande utopia da música brasileira realizada". *Jotabê Medeiros*

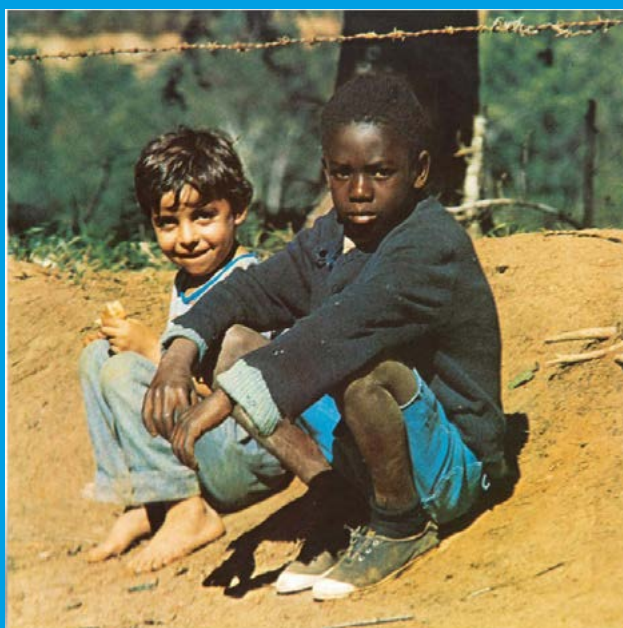


"Ben", Jorge Ben

"Ben, o disco que tem 'Taj Mahal' e 'Fio Maravilha'... É um dos melhores dele, só que nessa época todos são os melhores até o 'África Brasil'". *Pedro Alexandre Sanches*

"Tem 'Moça' que para mim é uma das músicas mais lindas do Jorge..

Tem muitas odes à mulher negra, de uma maneira que não era feita na MPB mainstream. Por exemplo, "Que Nega é Essa?", é muito especial por que ele estava ajudando construir um imaginário negro que era diferente dos estereótipos racistas que existiam aqui no Brasil e que ainda existem até hoje". *Kamille Viola*



"Clube da Esquina", de Milton Nascimento e Lô Borges

"Hoje em dia o meu favorito é 'Clube da Esquina', um disco coletivo, que lança de uma vez por todas o Clube da Esquina como movimento, o primeiro movimento pós-Tropicália,

mas com características muito diferentes da Tropicália". *Pedro Alexandre Sanches*



"Expresso 2222", Gilberto Gil

"O Expresso 2222 é um absurdo". *André Maleronka*

"Transa", Caetano Veloso

"Eu choro com esse disco, acho ele de uma beleza extraordinária. O próprio Caetano não consegue entender, ele não coloca ele entre os melhores dele. Como um disco pode ser tão importante, tão tocante". *Jotabê Medeiros*

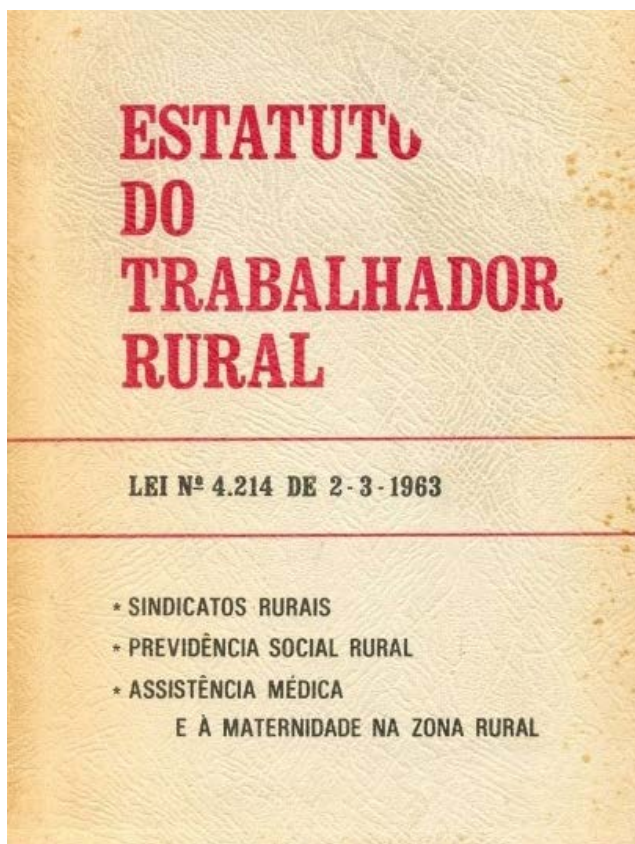
"Jards", Jards Macalé

"É um disco doidaço, ele tocando violão que nem fosse guitarra, acompanhado de uma banda excelente, com o maior balanço, mas assim um balanço que é torto. É um disco mesmo de um artista metendo o louco". *André Maleronka* • **BA**

A SEMANA NA HISTÓRIA

25 de Fevereiro a 3 de Março

Reprodução



2 de março de 1963

JANGO SANCIONA LEI PARA CAMPONESES

O presidente João Goulart sanciona em 2 de março de 1963 a criação do Estatuto do Trabalhador Rural. Com a lei, os direitos dos trabalhadores urbanos foram estendidos aos assalariados do campo – sindicalização, salário mínimo, férias, repouso semanal remunerado, aviso prévio e indenização. O estatuto também passa a prever medidas de proteção especial à mulher e ao menor.

A primeira lei da história brasileira a intervir nas relações de trabalho no campo foi resultado de um projeto apresentado inicialmente ao Congresso anos antes pelo deputado Fernando Ferrari, do Movimento Trabalhista Renovador. Só no governo de João Goulart, porém, o projeto conquistou as condições necessárias para sair do papel – além de um presidente que o apoiava, movimentos sociais no campo cada vez mais articulados e com capacidade de mobilização.

O estatuto viria a ser revogado dez anos depois, já na fase mais violenta da ditadura militar, pelo governo Médici.

3 de março de 1936

PRESO EM MACEIÓ O ESCRITOR GRACILIANO RAMOS

O autor de “Caetés” e “S. Bernardo”, funcionário da Secretaria de Educação de Alagoas e ex-prefeito de Palmeira dos Índios é preso em sua residência, em Maceió, sem que nenhuma acusação tenha sido formalizada. Graciliano Ramos ficaria encarcerado até janeiro de 1937. De Maceió, logo foi transferido para o Recife e de lá, com outros 115 presos políticos, para o Rio de Janeiro, no navio “Manaus”. Foram presos pela ditadura de Getúlio Vargas.

Ricardo Stuckert



29 de fevereiro de 2008

LULA DEFINE VALORIZAÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO

A Política de Valorização do Salário Mínimo é instaurada pelo governo Lula em 29 de fevereiro de 2008, por meio da Medida Provisória 421. Fruto de intensa negociação com os movimentos sindicais, a MP – depois transformada em lei – garante o reajuste real do salário mínimo por meio de sua correção a partir da variação do PIB do ano anterior somada ao repas-

se da inflação do período.

A política de valorização do salário mínimo torna-se um dos principais fatores responsáveis por manter a economia aquecida durante a crise internacional de 2008 e pela ascensão da chamada “nova classe C” durante os governos petistas. De 2002 a 2010, o aumento real do salário mínimo atingiu a marca de 53,67%. Até 2015, chegou a 76,54%.

Inicialmente, a política previa a fórmula de valorização até 2010. Em 2011, foi renovada até 2015 e, em 2015, até 2019. O governo Bolsonaro, porém, pôs fim a mais essa conquista do povo trabalhador brasileiro.



Roosevelt Pinheiro

1º de março de 2010

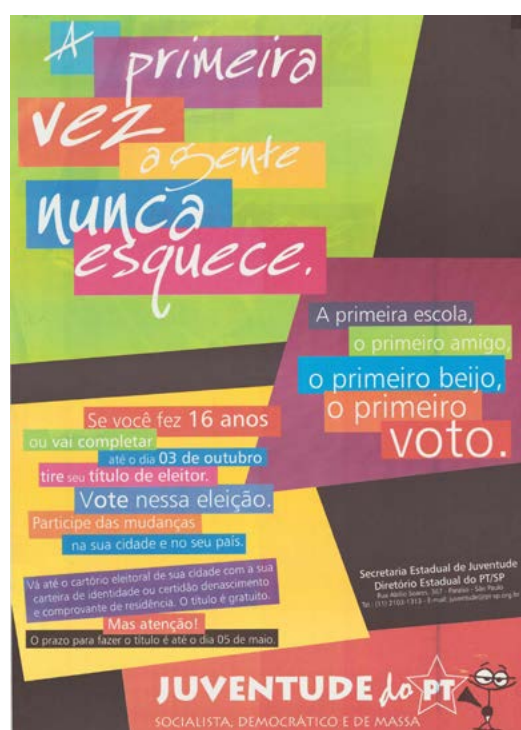
MUJICA EMPOSSADO PRESIDENTE DO URUGUAI

Em 1º de março de 2010, o ex-guerrilheiro José Mujica chega à Presidência do Uruguai. Pepe toma posse, sucedendo o companheiro de Frente Ampla, Tabaré Vázquez. As eleições uruguaianas foram decididas em segundo turno, quando Mujica conquistou 52,6% dos votos.

Agricultor e militante de esquerda, Pepe Mujica participou ativamente da organização guerrilheira Tupamaros durante a ditadura militar. Torturado, foi mantido preso político de 1973 a 1985, quando recuperou sua liberdade graças à Lei de Anistia.

O novo presidente uruguaio se tornaria figura emblemática da esquerda latino-americana à frente de um governo com foco na inclusão social e na integração regional da América do Sul. Durante seu mandato, a pobreza do país caiu de 37% para 11%. E o consumo da maconha foi descriminalizado, e a venda, regularizada. O aborto foi legalizado, bem como o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Reprodução



2 de março de 1988

JOVENS DE 16 ANOS TÊM DIREITO AO VOTO

Após um forte movimento encabeçado por entidades estudantis, em 2 de março de 1988 a Assembleia Constituinte aprova a emenda que institui o voto facultativo aos 16 anos de idade. Nas galerias do Congresso, 600 jovens comemoraram a decisão: "Chegou a nossa vez, voto aos 16!". Em anos eleitorais, as entidades estudantis passaram a organizar a campanha "Se liga 16", estimulando o alistamento dos jovens aptos a exercer o direito de voto.

O movimento pelo voto aos 16 anos, liderado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubess) e União da Juventude Socialista (UJS), nasceu em decorrência da expressiva participação dos secundaristas e adolescentes nas lutas democráticas dos anos 1980. A proposta obteve o voto favorável de 355 constituintes, 98 votos contrários e 38 abstenções.

Outras datas históricas:

27/02/1989: Explode em Caracas, na Venezuela, o "Caracaço", com protestos de grandes proporções em repúdio ao pacote de medidas econômicas imposto pelo governo de Carlos Andrés Pérez.

02/03/1919: Fundada em Moscou a Internacional Comunista por Vladimir Lenin e pelo PCUS para reunir os partidos comunistas de diferentes países. Tinha como propósito lutar pela superação do capitalismo, o estabelecimento da ditadura do proletariado e da República Internacional dos Sovietes, a completa abolição das classes e a realização do socialismo, como uma transição para a sociedade comunista.



Centro Sérgio Buarque de Holanda Fundação Perseu Abramo

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

Visite o memorialdademocracia.com.br

A IMPORTÂNCIA DA LEI PAULO GUSTAVO PARA A CULTURA

Reginaldo Lopes

Se vivêssemos em tempos normais, nestes dias o país estaria festejando o Carnaval. Mas, para evitar aglomerações, pelo segundo ano seguido a Festa do Momo não se realiza. Assim, a cadeia produtiva carnavalesca continua sem trabalho, comprovando a crise que vive o setor cultural, o primeiro a parar e que deve ser o último a voltar à normalidade.



A pandemia veio apenas aprofundar as imensas dificuldades que vive a cultura brasileira, com o governo tratando os artistas e fazedores de arte como inimigos a serem silenciados e criminalizados.

Foi nesse contexto que foi aprovada pela Câmara dos Deputados a Lei Paulo Gustavo, homenagem ao humorista que morreu vítima de Covid. A lei libera R\$ 3,862 bilhões para amenizar os efeitos negativos econômicos e sociais da pandemia no setor cultural.

Um dos autores do projeto é o líder do PT no Senado, Paulo Rocha (PA), e o relator da matéria na Câmara dos Deputados foi José Guimarães (PT-CE). Agora, o projeto volta ao Senado, mas tem o compromisso da liderança do governo, que votou a favor, de que não terá o veto do presidente.

A proposta é semelhante à Lei Aldir Blanc, que foi adotada em 2020, e também prevê que a sua execução tenha a aplicação descentralizada pe-

los estados e municípios. Além da nova legislação, conseguimos aprovar que os princípios das duas leis se tornem uma política permanente de descentralização dos recursos da cultura no país.

O montante de recursos é garantido pelo atual superávit financeiro do Fundo Nacional de Cultura (FNC) e do Fundo Setorial do Audiovisual. Como o FSA define que os recursos só podem ser aplicados no setor, R\$ 2,8 bilhões serão destinadas a ações voltadas ao audiovisual, que devem ser aplicados em editais para produções, apoios a salas de cinema, capacitação, apoio a cineclubes, a mostras e festivais.

O restante, R\$ 1,06 bilhão, será voltado para ações dos demais setores da cultura e das artes, utilizados em editais de chamadas públicas para apoio a projetos em todas as demais áreas e a espaços culturais.

Assim como a Lei Aldir Blanc, a Paulo Gustavo se articula e reforça o Sistema Nacional de Cultura, ao exigir a adoção de seus instrumentos pelos entes federados (plano de cultura plurianual, fundo de cultura e conselho de cultura), assim como a ampla participação social na destinação de recursos. Porém, a aplicação da nova lei será mais ágil que a LAI, pois a experiência adquirida já montou uma rede com racionalidade e a adoção de cadastros de agentes culturais beneficiados.

Outra evolução é o prazo de execução de seus recursos até 31 de dezembro de 2022 e prestação de contas ao longo de 2023, evitando assim os problemas de prazo curto, além de previsão de formas simplificadas, com foco no cumprimento do objeto.

A Lei Paulo Gustavo prevê também formas simplificadas de inscrição e contratação de artistas e valoriza a diversidade dando protagonismo às mulheres, negros, indígenas, povos tradicionais e quilombolas, LGBTQ+, pessoas com deficiência e outras minorias. Valoriza também setores cul-

turais como circo, grupos carnavalescos, escolas de samba, hip hop, funk, artistas-crianças, atividades técnicas e mestres e mestras da cultura popular.

Não só a classe artística será beneficiada, mas toda a sociedade. A lei prevê contrapartidas a todos aqueles que se beneficiarem de seus recursos, envolvendo apresentações ou exposições gratuitas a estudantes e professores de escolas e universidades públicas, grupos e coletivos culturais, além de envolver as comunidades de onde provierem os projetos. Ou seja, quando a cultura é valorizada, é o Brasil que sai ganhando. •

Deputado eleito por Minas Gerais, é líder do PT na Câmara dos Deputados

Venício A. de Lima

PAULO FREIRE

A prática da
liberdade,
para além da
alfabetização

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

autêntica



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores





Nº 31 - JAN/FEV 2022

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS

FOTO: ACERVO DO BLOCO AFRO PRETINHOSIDADE



2022: um ano de disputas, todos os dias!

Sheila de Carvalho: é
hora de polarização

Artigo: A agenda de
violência e segurança

AGENDA DE LUTAS FEVEREIRO DE 2022



EDIÇÃO DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD
fpabramo.org.br/publicacoes

BICENTENÁRIO

1822 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

20
anos
20

Centro
**Sérgio
Buarque
de Holanda**
Documentação e
Memória Política
Instituído em 2001